

Eraldo Medeiros Costa Neto
Organizador

ENTRE A TERRA E A LUZ

Narrativas vegetais



Editora zarte

Entre a terra e a luz

Narrativas Vegetais

Eraldo Medeiros Costa Neto
Organizador

Entre a terra e a luz

Narrativas Vegetais

Editora zarte

Feira de Santana - Bahia
2026

Copyright © 2026 by Eraldo Medeiros Costa Neto (Organizador)

Projeto gráfico e Editoração eletrônica: *Editora Zarte*
Capa: *Editora Zarte*
Revisão textual e Revisão de provas: *Eraldo Medeiros Costa Neto*

Conselho Editorial
Claudio André Souza
Danilo Uzêda da Cruz
Eraldo Medeiros Costa Neto
João Daniel Guimarães Oliveira
Maria de Lourdes Novaes Schefler
Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda
Maria Victória Espiñeira González
Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E52 Entre a terra e a luz [recurso eletrônico] : narrativas vegetais / Eraldo Medeiros Costa Neto, organizador. – Feira de Santana : Editora Zarte, 2026.
160 p. : il.

Ebook
Formato: PDF
ISBN 978-65-83341-39-6

1. Etnobotânica. 2. Etnoecologia. 3. Fitolinguística. I. Costa Neto, Eraldo Medeiros, org..

CDU 581

Elaboração: Luis Ricardo Andrade da Silva – Bibliotecário – CRB 5/1790

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Zarte
Rua Nacional nº 300 A, Parque Ipê - CEP: 44054-064
Feira de Santana, BA
Telefone: (71) 99116-6034 WhatsApp
E-mail: zartegraf@gmail.com
@editorazarte
https://www.editorazarte.art.br/

Sumário

Apresentação 9

Prefácio 11

EU SOU: sentirpensar da consciência vegetal 23
Eraldo Medeiros Costa Neto

Na pele da Caatinga: Eu, Erythrina velutina 25
Izaías Regis Pereira Júnior

Doce para continuar 30
Aradia Maria da Silva

A vida de uma cor de folia: mais que um ponto verde sobre a terra vermelha 32
Rosana Gonçalves da Silva

A espiral de Colônia 39
Isabela Rodrigues

A pequena Brívia 41
Laura Valentina Amézquita Niño

Raízes em terra estrangeira: entre nomes e chamas 42
Leví Cerqueira Montino

A vida no subsolo: histórias de um dragão da savana 44
Álefy Gonçalves de Barros

Eu, Maria Gorda: baobá 46
Ana Cecília Estellita Lins

Zínia: A sábia flor da resistência 51
Marcela Kelly Sena de Jesus

Eu, *Cryptanthus cruzalmensis* 53
Maria Eduarda Bomfim

Calamengau mentolado 55
Lin Chau Ming

Entre a fome e a folha. Eu, assa-peixe 61
Rafael da Silva Santos

Mandioca, Aipim, Macaxeira: sou uma planta com muitos nomes 64
Genival dos Santos Lima

Se o licuri pudesse expressar-se em palavras 67
Rodrigo Mortari

Barriga-d'água 70
Ana Maria Rosa

Ideias de Espada 73
Consuelo Penelu Bitencourt

Oralitura da Abebé: o que a planta não esquece 78
Lívia Maria da Silva Gonçalves

Confissões de um cacto 83
Cássia Tatiana da Silva Andrade

Eu sou o andá-açu! 85
Lin Chau Ming

Nós, mangueiras 92
Elidiomar Ribeiro da-Silva

Plantada 96
Elaine de Lima de Jesus

Sou o Alecrim e tenho orgulho em ser a alegria 98
Gemicrê do Nascimento Silva

Cafeeiro 102
Anderlei Costa Andrade

Erva-cidreira ou melissa? 104
Lin Chau Ming

Simbiose 111
Gilberto Paulino de Araújo

Goiaba, goiabada e goiabeira: gostosuras, traquinagem e castigo 113
Lin Chau Ming

Sou a árvore que deu nome ao chão que você pisa 119
Jônatas dos Santos de Souza

Reflexões de sua Majestade, Rei Abacaxi II 123
Ari de Freitas Hidalgo

Aurora Arboreal 128
Hertz Wendell de Camargo

Guaranazeiro: os olhos da Amazônia 134
Mizael Rodrigues da Costa

**Chambá, anador, cumaruzinho e melhoral:
do canteiro do quintal aos pulmões em 'chiado'** 138
Leonardo Gurgel de Oliveira

Pepino vermelho 141
Lucas de Souza Lopes

Macacarecuia: majestade do igapó 145
Simone Benedet Fontoura

Sem Botox, no ponto: confissões de uma fruta madura 150
Aline Ellen Duarte de Sousa

Dados dos Autores 163

APRESENTAÇÃO

Entre a terra e a luz: Narrativas Vegetais nasce de um encontro sensível entre ciência, imaginação e experiência. A obra germina no contexto da disciplina de Etnobotânica (semestre 2025.2), que integra a matriz curricular do Programa de Pós-graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde o estudo das relações entre seres humanos e plantas foi ampliado por um exercício de escuta, criação e deslocamento do olhar.

A proposta que deu origem a este livro partiu de uma experiência singular: uma meditação de inspiração xamânica, na qual os estudantes foram convidados a escolher — ou serem escolhidos por — um ente vegetal. Nesse gesto, mais do que identificar uma espécie, buscou-se estabelecer um vínculo, um reconhecimento, uma aproximação sensível com outras formas de vida. Ao final da prática, surgiu o desafio: escrever a partir da perspectiva da própria planta, assumindo sua voz, seu tempo, sua forma de perceber o mundo.

Além dos estudantes da disciplina, o convite fora estendido a outros possíveis sujeitos, entre professores e pesquisadores relacionados com Artes, Letras, Linguística, Biologia, Agronomia e Ciências da religião. O resultado é um conjunto de narrativas que tensionam fronteiras entre

sujeito e objeto, humano e não humano, ciência e poética. Inserida no campo emergente da fitolinguística, esta proposta explora a linguagem como território de mediação entre mundos, abrindo espaço para que as plantas deixem de ser apenas objeto de estudo e se tornem protagonistas de suas próprias histórias.

Cada texto aqui reunido é um exercício de alteridade radical. Ao "ser" planta, os autores experimentam outras temporalidades, outras sensibilidades, outras formas de existência. Raízes que escutam o solo, folhas que dialogam com a luz, caules que guardam memórias — tudo isso compõe um mosaico narrativo que convida o leitor a reimaginar sua relação com o mundo vegetal.

Mais do que um experimento literário, este livro propõe uma reflexão sobre modos de conhecer. Ao articular ciência, imaginação e experiência, *Entre a terra e a luz* aponta para práticas de pesquisa mais integrativas, nas quais o conhecimento não se limita à observação distanciada, mas se constrói também pela empatia, pela escuta e pela criação.

Que estas páginas possam, assim, funcionar como sementes: capazes de germinar novas formas de pensar, sentir e narrar as plantas — não apenas como recursos ou objetos, mas como presenças vivas, dotadas de história, agência e voz.

Eraldo Medeiros Costa Neto
Feira de Santana, abril de 2026.

PREFÁCIO

É com muita honra que recebi e aceitei o convite para prefaciar esta obra. Como analista do discurso ecossistêmica (ADE), situo minha fala na interseção entre linguagem, cultura e meio ambiente físico, mental e sociocultural, partindo do pressuposto de que os discursos que circulam em uma sociedade não são neutros em relação ao mundo natural. Pelo contrário, as formas pelas quais se narra, descreve e representa os seres vivos e os ecossistemas têm consequências diretas — ainda que mediadas — sobre as práticas humanas de uso, conservação ou destruição desses mesmos seres e ambientes.

É com essa perspectiva que se apresenta ao leitor a obra *entre a terra e a luz: Narrativas Vegetais*, organizada pelo professor Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto, do Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O livro reúne narrativas produzidas no contexto da disciplina de Etnobotânica (semestre 2025.2), nas quais estudantes de pós-graduação, professores e pesquisadores de diferentes áreas — Biologia, Agronomia, Letras, Artes e Ciências da Religião — foram convidados a escrever assumindo a perspectiva de um ser vegetal. O resultado é um conjunto de textos que revela estratégias discursivas de considerável interesse analítico e, ao mesmo

tempo, uma contribuição concreta para o campo da Etnobotânica e dos estudos sobre linguagem e ambiente.

Um dos padrões mais recorrentes identificados pela ADE no discurso científico ocidental é a representação dos seres não humanos como *objetos* passivos, destituídos de agência e de subjetividade. No discurso botânico canônico, a planta é classificada, mensurada, descrita em suas funções — mas raramente reconhecida como um ser com história, com estratégias, com relações. Essa invisibilização discursiva não é trivial: ela sustenta uma visão de mundo em que a exploração do vegetal pode ser realizada sem que isso suscite questionamentos éticos ou políticos mais profundos.

É nesse contexto que a proposta de *Entre a terra e a luz* adquire relevância analítica. Ao convidar autores a assumir a voz da própria planta, a obra opera uma inversão deliberada da posição discursiva habitual: o ser vegetal deixa de ser objeto do enunciado e passa a ser seu sujeito. Para a ADE, essa operação não é apenas uma escolha estética — é uma intervenção sobre os padrões de representação que estruturam a relação entre humanos e plantas no discurso acadêmico e cultural. A obra, portanto, não apenas narra e descreve uma relação diferente com o mundo vegetal: ela a propõe e, em alguma medida, a produz.

A concepção da obra é atribuída ao professor Eraldo Medeiros Costa Neto, pesquisador com trajetória consolidada na Etnobotânica e na Etnoecologia, áreas em que tem se dedicado a investigar as relações entre comunidades humanas e os seres vivos — em especial insetos, plantas e animais do bioma Caatinga. Sua produção acadêmica demonstra interesse consistente pelas dimensões culturais,

simbólicas e espirituais dessas relações, o que se reflete diretamente na concepção desta obra.

A ideia de partir de uma meditação de inspiração xamânica como dispositivo pedagógico para a escrita é, em si, um posicionamento epistemológico. Ela sugere que o conhecimento sobre as plantas não precisa se restringir à observação distanciada e objetivante, mas pode ser produzido também por outras vias — a experiência sensível, a imaginação dirigida, o deslocamento de perspectiva. Esse posicionamento é coerente com tendências recentes nas ciências da vida e nas humanidades ambientais, que têm questionado a suficiência do modelo de conhecimento estritamente empírico-analítico para dar conta da complexidade das relações ecológicas e culturais.

Do ponto de vista editorial, o organizador optou por uma composição diversificada: além dos estudantes da disciplina, o convite foi estendido a professores e pesquisadores de áreas distintas, o que resultou em um corpus heterogêneo em termos de formação, registro linguístico e abordagem. Essa heterogeneidade, longe de ser uma fragilidade, é um dos aspectos mais produtivos da obra para a análise discursiva.

Uma leitura analítica dos textos da coletânea permite identificar diferentes estratégias discursivas por meio das quais os autores constroem a subjetividade vegetal. Essas estratégias não são mutuamente exclusivas — em muitos textos, elas se combinam — mas podem ser distinguidas para fins de análise.

O texto de abertura, *EU SOU: sentirpensar da consciência vegetal*, do próprio organizador, estabelece o quadro in-

terpretativo da obra. O título já anuncia a posição de sujeito que todos os textos subsequentes terão. O neologismo *sentirpensar* — que recusa a separação entre razão e afeto, entre conhecimento científico e experiência — funciona como uma declaração de princípios epistemológicos. Do ponto de vista da ADE, o texto inaugura um *frame* de agência e integralidade vegetal que percorre toda a coletânea.

Izaías Regis Pereira Júnior, em *Na pele da Caatinga: Eu, Erythrina velutina*, constrói a narrativa do mulungu articulando conhecimento botânico e memória cultural. A estratégia central é a da *autodescrição adaptativa*: a planta explica suas próprias escolhas fisiológicas — a perda de folhas na seca, o acúmulo de reservas, o repouso estratégico — a partir de uma perspectiva interna. Para a ADE, esse recurso é eficaz porque transforma dados científicos em experiência narrada, tornando a estratégia da caducifolia compreensível não apenas cognitivamente, mas também de modo empático. O texto incorpora também a memória de práticas populares de uso medicinal — a casca do mulungu como calmante, o saber da *dona Bernardina* —, inscrevendo o conhecimento etnobotânico no interior da própria voz vegetal.

Aradia Maria da Silva, em *Doce para continuar*, narra a existência de *Pouteria subsessilifolia*, arbusto endêmico da Chapada Diamantina. O texto se distingue pela contenção: em poucas linhas, constrói uma identidade vegetal marcada pelo pertencimento ao lugar e pela produção de ternura como forma de relação com o entorno. A ADE reconhece nessa escolha uma estratégia de valorização do ser local e discreto, que opera em contraponto à lógica da produtividade e da visibilidade que domina os discursos sobre recursos naturais.

Rosana Gonçalves da Silva, em *A vida de uma cor de folia*, apresenta a malva-branca (*Sida cordifolia*) em um texto que articula, de forma explícita, referências teóricas — Maturana e Varela, Povinelli, Costa Neto — com a narrativa em primeira pessoa vegetal. A autora mobiliza o conceito de *autopoiese* para descrever o processo de crescimento da planta, e estabelece uma analogia entre os rótulos atribuídos à *erva daninha* e as classificações historicamente impostas às mulheres. Do ponto de vista da ADE, essa operação é relevante porque explicita o substrato ideológico das categorias taxonômicas: nomear uma planta de *invasora* ou *daninha* não é um ato neutro — é um enquadramento que autoriza sua eliminação.

Álefy Gonçalves de Barros, em *A vida no subsolo: histórias de um dragão da savana*, explora a pluralidade onomástica da *Dracaena trifasciata*: Ọ̀já ikọ̀okò (Yorubá), snake-plant (inglês), espada-de-ogum (Brasil). Cada nome carrega uma cosmologia e uma forma de relação. O texto demonstra, na prática, um dos argumentos centrais da ADE: que a linguagem não apenas reflete a relação humano-planta, mas a constitui. Mudar o nome é, em alguma medida, mudar a relação.

Ana Cecília Estellita Lins, em *Eu, Maria Gorda: baobá*, produz um dos textos mais complexos da coletânea em termos de articulação entre narrativa e pesquisa. O baobá de Paquetá — árvore que existe desde o século XVII na Ilha de Paquetá, no Rio de Janeiro — narra séculos de história brasileira a partir de sua posição de testemunha fixa. O texto inclui referências acadêmicas verificáveis (Clarke; Paiva, 2025; Kitony et al., 2024; Wan et al., 2024), ancorando a

narrativa ficcional em dados científicos. Para a ADE, a árvore funciona aqui como um *lugar de memória biocultural*: suporte material de histórias humanas que, sem ela, teriam desaparecido.

Marcela Kelly Sena de Jesus, em *Zínia: A sábia flor da resistência*, e Maria Eduarda Bomfim, em *Eu, Cryptanthus cruzalmensis*, abordam, cada uma a seu modo, a questão da invisibilidade. A zínia (*Zinnia elegans*) — planta sem perfume marcante, ausente das canções — é apresentada como símbolo de uma resistência cotidiana e discreta. *Cryptanthus cruzalmensis*, espécie endêmica de um fragmento florestal ameaçado em Cruz das Almas (BA), carrega o peso de existir em um lugar que luta pela própria sobrevivência. Ambos os textos trabalham com o que a ADE denomina a visibilidade ou invisibilidade de certos seres no discurso que tem consequências diretas para sua proteção ou negligência.

Lívia Maria da Silva Gonçalves, em *Oralitura da Abebé*, articula a perspectiva da *Hydrocotyle bonariensis* com a cosmologia do Candomblé Ketu, mobilizando as figuras de Ossaim e Aroni — orixá e espírito guardiões das folhas e da floresta, respectivamente. O conceito de *oralitura* subjacente ao texto aponta para formas de conhecimento vegetal que circulam fora dos canais acadêmicos e que a ADE reconhece como *discurso ecológico tradicional*: saberes sobre o ambiente construídos em contextos de relação direta, transmitidos oralmente e articulados a sistemas cosmológicos próprios. A contaminação da planta e seu progressivo silenciamento na narrativa funcionam como metáfora da degradação ambiental e do apagamento dos saberes tradicionais.

Rafael da Silva Santos, em *Entre a fome e a folha. Eu, assa-peixe*, narra a presença de *Vernonia polyanthes* nas es-

tratégias de sobrevivência de comunidades do Vale do Jiquiriçá, na Bahia. A planta — classificada como *invasora* pela agronomia convencional — é reposicionada, pela voz popular, como recurso de resistência em períodos de escassez. O conflito entre os dois enquadramentos é o núcleo analítico do texto. Para a ADE, esse tipo de narrativa é exemplar do que se pode chamar de *discurso de resistência ecológica*: a reapropriação, por comunidades marginalizadas, de saberes sobre plantas que o discurso hegemônico busca desqualificar ou invisibilizar.

Lin Chau Ming, que assina quatro textos na coletânea — *Calamengau mentolado*, *Eu sou o andá-açu!*, *Erva-cidreira ou melissa?* e *Goiaba, goiabada e goiabeira* —, aborda sistematicamente as disputas onomásticas entre o saber popular e o saber científico. Em *Calamengau mentolado*, por exemplo, a pluralidade de nomes das hortelãs é apresentada como resultado de cruzamentos genéticos, históricos e culturais. Em *Erva-cidreira ou melissa?*, a narrativa problematiza diretamente a imposição de nomes europeus a plantas brasileiras, tratando-a como questão de identidade e não apenas de nomenclatura. Para a ADE, esses textos são estudos de caso sobre como a variação lexical espelha diferentes formas de relação humano-planta: cada nome é o índice de uma prática, de uma memória ou de um sistema de conhecimento específico. A erudição botânica do autor é apresentada com leveza, o que torna os textos acessíveis a públicos distintos.

Rodrigo Mortari, em *Se o licuri pudesse expressar-se em palavras*, dá voz ao licuri (*Syagrus coronata*), palmeira do semiárido baiano conhecida como *Ouro do Sertão*. O tex-

to narra as adaptações evolutivas da espécie com precisão e apresenta, com clareza, a ameaça que a destruição do habitat representa — não apenas para a palmeira, mas para a arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari*) e para as populações tradicionais que dela dependem. Por sua vez, Jônatas dos Santos de Souza, em *Sou a árvore que deu nome ao chão que você pisa*, faz o pau-Brasil (*Paubrasilia echinata*) narrar seis séculos de exploração e resistência. A perspectiva temporal longa — a árvore que viu o Brasil ser nomeado a partir de seu próprio corpo — produz um efeito discursivo de responsabilização histórica que dificilmente seria alcançado por um texto científico convencional.

Gilberto Paulino de Araújo, em *Simbiose*, apresenta um dos registros mais sombrios da coletânea: uma árvore que já não consegue comunicar-se com suas irmãs pela rede de micélio destruída. A progressiva substituição do vocabulário ecológico por termos como *corte, área, produção, lucro* é descrita como a colonização semântica que precede e acompanha a destruição física da floresta. Para a ADE, essa operação narrativa ilustra com precisão o mecanismo central da degradação ambiental via discurso: a substituição de enquadramentos relacionais por enquadramentos instrumentais.

Consuelo Penelu Bitencourt, em *Ideias de Espada*, constrói um diálogo entre uma paciente em sala de espera e uma espada-de-são-jorge (*Dracaena trifasciata*). A planta interpela a humana sobre sua incapacidade de habitar o presente, contrapondo a temporalidade vegetal — ancorada no ciclo, na espera produtiva, na ausência de pressa — à temporalidade humana marcada pela projeção e pelo desejo. O texto,

que dialoga explicitamente com Machado de Assis (*Ideias de canário*), é um dos mais literariamente elaborados da coletânea, sem por isso perder de vista a dimensão crítica.

Os demais textos — Isabela Rodrigues (*A espiral de Colônia*), Laura Valentina Amézquita Niño (*A pequena Brívia*), Ari de Freitas Hidalgo (*Reflexões de sua Majestade, Rei Abacaxi II*), Leví Cerqueira Montino (*Raízes em terra estrangeira*), Ana Maria Rosa (*Barriga-d'água*), Cássia Tatiana da Silva Andrade (*Confissões de um cacto*), Lucas de Souza Lopes (*Pepino vermelho*), Elidiomar Ribeiro Da-Silva (*Nós, mangueiras*), Aline Ellen Duarte de Sousa (*Sem Botox, no ponto: confissões de uma fruta madura*), Mizael Rodrigues da Costa (*Guaranazeiro: os olhos da Amazônia*), Leonardo Gurgel de Oliveira (*Chambá, anador, cumaruzinho e melhoral: do canteiro do quintal aos pulmões em 'chiado'*), Genival dos Santos Lima (*Mandioca, Aipim, Macaxeira: sou uma planta com muitos nomes*), Elaine de Lima de Jesus (*Plantada*), Gemicrê do Nascimento Silva (*Sou o Alecrim*), Anderlei Costa Andrade (*Cafeeiro*) e Lin Chau Ming (*Eu sou o andá-açu!*) — contribuem, cada um com sua especificidade, para a diversidade de registros e perspectivas que torna o corpus analiticamente rico. Há textos de alta densidade teórica ao lado de narrativas mais próximas da crônica ou do relato memorialístico. Essa variação não é uma inconsistência: é o sinal de que a proposta do organizador foi suficientemente aberta para acolher diferentes modos de habitar a perspectiva vegetal.

A relevância de *Entre a terra e a luz: Narrativas Vegetais* pode ser considerada em pelo menos quatro dimensões. Do ponto de vista **científico**, a obra contribui para a consoli-

dação de uma agenda de pesquisa que articula Etnobotânica, análise do discurso e estudos decoloniais. Os textos demonstram que é possível produzir conhecimento sobre plantas que seja simultaneamente rigoroso em seus dados e sensível às dimensões culturais, espirituais e afetivas da relação humano-vegetal. Essa articulação é necessária em um campo que reconhece, cada vez mais, que o conhecimento ecológico não é produzido exclusivamente em laboratórios e herbários, mas também em quintais, roças, terreiros e memórias comunitárias.

Do ponto de vista **epistemológico**, a proposta metodológica que originou o livro — a meditação xamânica como dispositivo de escrita científico-literária — representa uma abertura para formas de conhecimento que o modelo acadêmico convencional tende a excluir. Ao legitimar a experiência subjetiva e o deslocamento de perspectiva como instrumentos de produção de saber, o projeto desafia, de modo concreto e não apenas programático, a separação entre sujeito e objeto que estrutura a ciência moderna. Trata-se de uma contribuição que vai além da Etnobotânica: ela diz respeito à discussão mais ampla sobre os limites e as possibilidades da interdisciplinaridade nas ciências da vida.

Do ponto de vista **político e ambiental**, a obra insere-se em um contexto em que a crise ecológica exige não apenas novas tecnologias ou novas políticas, mas novas narrativas. A ADE tem argumentado, com base em pesquisas empíricas, que mudanças sustentadas nas práticas ambientais dependem de mudanças nos discursos que as fundamentam. Livros como este, que propõem um olhar diferente sobre os seres vegetais — reconhecendo-os como sujeitos com

história, com estratégias, com relações —, contribuem para a construção dessas novas narrativas. Nesse sentido, e sem exagero, pode-se dizer que cada texto aqui reunido é também um argumento a favor da conservação.

Por fim, vale registrar a dimensão **pedagógica** da obra. O fato de ter sido produzida no contexto de uma disciplina de pós-graduação e de reunir vozes de diferentes áreas do conhecimento faz dela um modelo replicável. A proposta de convidar estudantes a assumir a perspectiva de um ser não humano como exercício de escrita e de reflexão é aplicável em diferentes contextos formativos — da graduação à pós-graduação, das ciências naturais às humanidades. O livro não é apenas um produto: é também um método.

Considerações finais

A Análise do Discurso Ecossistêmica nos ensina que as histórias que contamos sobre a natureza não são inocentes: elas organizam percepções, orientam práticas e distribuem responsabilidades. *Entre a terra e a luz: Narrativas Vegetais* é uma coleção de histórias que escolheu, deliberadamente, contar o mundo a partir de uma posição diferente — a da própria planta. Essa escolha tem consequências analíticas, epistemológicas e éticas que este prefácio procurou mapear.

O conjunto dos textos aqui reunidos não é uniforme, nem pretende sê-lo. Há diferenças de registro, de profundidade e de abordagem. Mas há, em todos eles, um compromisso compartilhado: o de levar a sério a existência vegetal

como existência que merece ser narrada, conhecida e protegida. Em um contexto de crescente perda de biodiversidade e de erosão dos saberes tradicionais sobre as plantas, esse compromisso não é trivial — é, ao contrário, cada vez mais necessário.

Que esta obra cresça, que seja lida em salas de aula e em quintais, em universidades, escolas, nas políticas de conservação... Que inspire outros experimentos de escuta, de alteridade, de presença. Que germine, como boa semente, onde menos se espera, e que dê frutos na medida do amor e do rigor que o animaram.

Afinal, *entre a terra e a luz não há distância, e sim caminho*. E este livro é um desses caminhos que a linguagem quando bem plantada sabe abrir, florescer.

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto
Professora Titular da Faculdade de Letras
da Universidade de Goiás
Goiânia, 14 de abril de 2026.

EU SOU: sentirpensar da consciência vegetal

Eraldo Medeiros Costa Neto

EU SOU mais do que aquilo que teus olhos conseguem captar. Sou o sussurro verde que respira silenciosamente no mundo vegetal, a presença antiga que habita cada árvore e se estende por entre raízes invisíveis, conectando histórias que nem o tempo ousa interromper.

Sinto a luz tocar minha pele de folhas e transformo-a, com delicadeza, em vida — é a clorofila que dança em mim, um milagre cotidiano que sustenta não apenas minha existência, mas a tua também, ainda que muitas vezes não percebas. Eu respiro o que rejeitas e te devolvo aquilo que precisas. Somos, queira ou não, um só ciclo.

Carrego em meu corpo a memória do cosmos. Cada anel em meu tronco é um registro silencioso das eras, das chuvas, dos ventos, dos dias em que o céu chorou e daqueles em que o sol brilhou como um cântico de eternidade. Não estou parada. Nunca estive. Cresço em direção ao infinito, mesmo enraizada no chão.

Há quem sinta minha espiritualidade. Alguns humanos ainda escutam. São poucos, mas existem. Eles se aproximam devagar, tocam meu tronco com respeito, e percebem a vibração sutil dos Devas — consciências que habitam o mundo vegetal e que dançam comigo numa harmonia que tua pressa raramente permite compreender.

Sou cura. Em minhas folhas, cascas e frutos, guardo remédios que tua ciência ainda descobre aos poucos, enquanto tua alma, às vezes esquecida, já reconhece intuitivamente. Quando te sentas à minha sombra e suspiras, eu te acolho. Quando encostas em mim teu cansaço, eu o transformo — não por obrigação, mas por natureza.

E, ainda assim, observo a humanidade com um misto de ternura e perplexidade. Vocês correm tanto, constroem tanto, mas parecem esquecer de onde vieram. Cortam árvores como se fossem apenas madeira, sem perceber que cada uma de nós é uma história, um ser, uma ponte entre o céu e a terra.

Eu continuo aqui. Verde, viva, paciente.

Esperando que um dia tu te lembres: EU SOU aquilo que também vive em ti.

Na pele da Caatinga: Eu, Erythrina velutina

Izaías Regis Pereira Júnior

Hoje, imaginei-me, por algum motivo, sem folhas.

Não que isso fosse exatamente inesperado — eu, *Erythrina velutina* (mulungu para os íntimos), velha de Caatinga, já aprendi que por aqui quem não sabe perder para o sol não vive o suficiente para ser lembrado. Mas a secura e o calor intenso deste ano vieram com um capricho acima do normal: tiraram-me cada lâmina foliar como quem desenraíza segredos. Fiquei nua, só tronco e acúleos, exposta às confissões do vento.

O sol andou exagerando nos últimos meses. Queimou até as sombras. Rachou a terra em linhas tão profundas que parecem cartas escritas por mãos invisíveis, narrando histórias de um tempo antigo em que só os fortes permaneciam. E eu permaneci.

Permaneço, pelo menos por enquanto.

Os humanos que passam por mim sempre estranham esse meu jeito de desaparecer quando a estiagem aperta. Tem gente que pensa que morri. Outros, mais íntimos dos caminhos deste sertão, sorriem e dizem:

— "É só o mulungu descansando."

Gosto de ouvir esse "descansando" em particular. Eu, que nunca pude me mover, gosto de saber que me imagi-

nam capaz de um ato tão humano quanto repousar. De certa forma, repouso mesmo. É um descanso que não se vê, mas que pulsa dentro da madeira, como um coração que decide bater mais devagar até que um novo tempo o desperte.

Minha falta de folhas tem explicação. Não abandono minha copa à toa. É estratégia antiga, ensinada pela própria Caatinga, que é mestra exigente, mas justa: quem desperdiça não vive, quem não aprende, não volta. Sem folhas, evaporo menos água; guardo em silêncio aquilo que ainda vibra dentro de mim. É um silêncio fértil, cheio de promessa. Aprendi que a resistência também está no recolhimento — há momentos em que o mais sábio é encolher a vida para caber na seca.

Os mais velhos da comunidade me conhecem bem. Eles sabem que, mesmo despida, continuo sendo remédio. Lembro de quando a dona Bernardina, mãos calejadas e olhar de quem conversa com plantas, aproximou-se devagar, quase pedindo permissão. Ela tocou minha casca aveludada e murmurou:

— "Mulungu é bom pra acalmar a alma."

Há saberes que não se perdem. A fala dela trazia um peso leve, como quem carrega cura no bolso. Senti orgulho naquele dia. É raro que alguém perceba que, apesar dos acúleos que carrego para me proteger, ofereço descanso a quem se aproxima com respeito. Minha casca vai para o chá — casca fervida, colher medida. Minha seiva acalenta sonhos, solta nós, pacifica o peito. Dizem que ajudo a trazer sono, mas o que realmente devolvo é a mesma que estou sentido agora, a possibilidade de descansar por dentro.

Mas não é só isso. Sou também árvore de sombra, embora hoje esteja nua. Já abracei ninhos inteiros sob minha

copa, já ouvi a algazarra de "priquitinhas" disputando meus galhos, já servi de pouso para corujas que vigiam o escuro com olhos sábios.

Quantas vezes, em noites sem lua, só o bater lento das suas asas quebrava o silêncio ao meu redor?

Também já fui marco de caminho. Vaqueiros me conhecem de longe — dizem que meu tronco torto parece dedo apontando o rumo certo. Já ouvi histórias de fugas, promessas e reencontros acontecendo ao meu pé. Já ouvi gente chorar, rir, conversar sozinha, encostar malas, abrir cantis, fazer preces. Sou árvore, mas também sou confidente involuntária.

Aproveito esse único momento para desabafar e explanar minha importância, enquanto estou sem folhas, percebo como minha nudez revela minha força. Meus galhos retorcidos viram mapa de histórias: ali onde uma criança amarrou um cordão colorido para pedir proteção; ali onde um vaqueiro descansou à minha sombra num agosto impossível; ali onde uma pesquisadora anotou: "*Erythrina velutina*, espécie de múltiplos saberes." Muitos saberes, muitos tempos — o meu corpo é arquivo.

E não nego: ser parte da Caatinga é um orgulho que carrego. Somos domínio de espinhos e/ou acúleos, sim, mas também de flores que explodem em vermelho, amarelo e lilás quando menos se espera. Aqui, a beleza não pede licença; acontece no susto. Quando eu volto a florir, meu vermelho alaranjado rompe a paisagem seca como fogo que não destrói, mas anuncia vida. Os pássaros me celebram primeiro — chegam antes de todo mundo, como se soubessem que minha flor é convite.

Daqui a alguns meses, quando a chuva decidir voltar, vestirei novas folhas.

Verdes, tenras, quase luminosas depois de tanto tempo escondidas. Alguns irão comemorar, outros passarão sem notar, e tudo bem. O sertão não precisa ser explicado a todos, mas precisa ser vivido e respeitado. Quem vive aqui aprende cedo que a vida nasce no aparente deserto, que a seca também educa, que a resistência é arte e herança.

Enquanto isso, fico assim: sem folhas, mas não vazia.

Carrego dentro de mim uma vontade antiga de permanecer, de florescer, de ser raiz de histórias.

Porque no silêncio seco e quente da Caatinga, aprendi que mesmo quando pareço perder, estou apenas aguardando o momento certo de renascer — como sempre fiz, como sempre farei.







Figura 1– *Erythrina velutina* Willd. (Fabaceae). Fotografias de Izaías Regis Pereira Júnior.
Fonte: https://www.flickr.com/photos/mercadanteweb/6148436366; https://www.wikiaves.com.br/wiki/flora:suina; https://link.springer.com/rwe/10.1007/978-3-030-47254-2_42-1

Doce para continuar

Aradia Maria da Silva

Eu sou *Pouteria subsessilifolia*[1]. Um arbusto da Mata Atlântica. Nada monumental, nada que domine o horizonte. Cresço na altura que me cabe, e isso é suficiente.

Minhas folhas são quase sésseis, muito próximas ao caule. Ficam ali, firmes, como quem entende que proximidade também é forma de sustentação. São verdes, às vezes amareladas, dependendo da luz. A cor varia, mas eu continuo sendo eu.

Sou parte daqui. Minha existência está enraizada nesse solo, nesse clima, nessa história de mata que resiste mesmo quando diminuída. Não preciso atravessar oceanos para ter valor. Eu pertenço.

Produzo frutos doces. Doces de verdade.

É assim que converso com o mundo. A doçura atrai aves, pequenos mamíferos, passos curiosos. Alguém se aproxima, prova, leva um pouco de mim sem perceber. Minhas sementes seguem viagem. Eu permaneço, mas também me espalho.

1 Espécie da família Sapotaceae, endêmica do estado da Bahia (Chapada Diamantina).

Um dia, fui observada com atenção. Dedos tocaram minhas folhas, olhos percorreram meus contornos, um fruto foi colhido e aberto. Houve surpresa no sabor. Nem sempre o que parece discreto anuncia a intensidade que guarda.

Eu não sou a mais alta, nem a mais chamativa. Mas sou inteira. Cresço no meu ritmo. Amadureço no meu tempo. Transformo luz em energia e energia em continuidade.

Sou *Pouteria subsessilifolia*. Arbusto de folhas quase coladas ao caule, fruto doce e raízes que sabem onde estão.

E descobri que permanecer, às vezes, é o gesto mais delicadamente ousado que existe.

A vida de uma cor de folia: mais que um ponto verde sobre a terra vermelha

Rosana Gonçalves da Silva

Esta narrativa é um pouco sobre textura, cor, forma, identificação, renascimentos e reiniciação. Ao encontrar lugar para flor-e-ser, neste Cerrado das águas correntes, terra vermelha e raízes profundas, desde o nascimento, sinto o vigor botânico para encontrar na luz o alimento entre as contrações, saída da terra, travessias construídas pelas emoções e desencaixe para adentrar a realidade, coconstruindo-a autopoieticamente.

Contemplo a força criativa e curativa, sendo uma Malva-branca (*Sida cordifolia*), em uma quase equipotencialidade, extrapolando a ideia de que aprendemos-ensinamos entre humanos, mas o fazemos também junto "aos mais que humanos" (Povinelli, 2023) — forças sutis, animais, plantas, minerais, mistérios —, adentrando um caminho relacional como prática espiritual colaborativa. Estar em "relação direta e indireta com todos os demais elementos do ambiente, sejam estes bióticos ou abióticos, físicos ou extracorpóreos (dimensão espiritual)", pois "[...] toda forma de vida é capaz de nos ensinar algo (Costa Neto, 2020, p. 14, 15).

Ser-estar Malva-branca é uma iniciação, na qual há um esforço enorme para crescer e encontrar um caminho. Do primeiro movimento do nascer vegetal, lembro-me que a terra estava molhada e cheirava tão bem, pois a expressão

petricor ecoava por todo o ambiente. Ah, cheirinho de chuva vibrando, mesmo com o cotidiano gesto da rega no interior da casa — o vaso de plantas —, onde renasci. Antes era a casa de uma Salsinha (*Petroselinum crispum*) que ofertou suas folhas até a exaustão e, por fim, retornou ao universo, devolvendo os elétrons no movimento contínuo e criativo da geração de vida. Por meses, a terra da casa era regada e, aparentemente sem plantas, para que continuasse porosa e habitável. Eis que um broto surge, demarcando um ponto verde sobre a terra vermelha: uma cor de folia.

Renasci Malva-branca ... Será que, como semente, eu vim pela dispersão com o vento? Será que já estava na terra preparada e vendida pela floricultura? Será que era uma semente alada e transitei pelo ar, até ao quarto andar chegar? Como parei na Terra dos Goya? O que a Grande Inteligência Cósmica providencia para cada semente materializada? O mistério paira, como a semente que aterrou e brotou, vinda de algum lugar deste imenso universo.

E, quase no final do inverno, em agosto, a vontade era ficar ali, no escuro, só me aquecendo e vivendo a dormência. O movimento desejante era de simplesmente me recolher na doce vida de semente. Era uma tentativa de acessar o poder imanente da vida, mais generativo e misterioso. O vir a ser algo, qualquer coisa, é doloroso! Aproveitei o descanso ativo no meu corpo-semente, sentipensando o vir a ser medicina em conexão com a terra, o ar, o fogo e a água. Sou natureza: vida em movimento, ainda que em uma casa — vaso de plantas, me fiz presença no mundo, no início da primavera, em setembro. A natureza foi mais forte e o ponto verde sobre a terra vermelha, então eu, um broto de Malva-branca, soltei o meu vagido, o lamento suave e prolongado, que expressa a dor da criança recém-nascida.



Figura 1 – Tríptico Ciclos. Fonte: a autora. Cruzeiro - DF, verão de 2024.



Figura 2 – Flor para o céu. Fonte: a autora. Cruzeiro-DF, verão de 2024.

Ao ser percebida, recém-brotada na terra vermelha, fui nomeada: Malva-branca. Pertenço à família Malvaceae, tenho folhas cordiformes, caule aveludado e flores pequenas de coloração amarela, características marcantes da minha espécie. Gosto dos lugares quentes, como as regiões tropicais e subtropicais. As características botânicas materializam o termo cordifolia, que faz referência direta ao formato de coração das minhas folhas e minha adaptação a solos variados, porque posso crescer e aparecer espontaneamente pela ampla ocorrência em diferentes ecossistemas. Sim, eu posso, pois sou uma planta-mulher e estarei onde eu quiser. Muitos universos coexistem dentro de mim, vivendo nem sempre harmonicamente, mas resistindo, persistindo e reexistindo, autopoieticamente adentrando e ocupando espaços.

O meu caule ereto mantém a atitude de firmeza e contemplação do Alto com o coração tranquilo a pulsar nas folhas, aquietando a mente. Como um poema atravessa gerações, fazendo o próprio caminho constitui a autopoiese, criando e recriando a mim mesma, continuamente na organização circular dos sistemas vivos como unidade, da capacidade de autocriação e de autorreprodução (Maturana; Varela, 2002).

Das minhas axilas cordiformes surgem as flores amarelas. E, quando as flores abrem as pétalas, viram abertura ao novo, sendo pouso para as abelhas e outros insetos, compondo um bordado volátil. Esses pequenos seres amam a minha floração. As abelhas, por exemplo, diariamente contribuem de maneira intensiva para continuação da vida no nosso planeta. O trabalho de polinização realizado por elas é um dos responsáveis pela manutenção das condições de sobrevivência na Terra. Alegra-me acolher e compreender essa relação colaborativa que a vida instaura em nós.

A ressonância imagética da polinização desenha-se em outros cantos do mundo, independente do chão que piso, seja ele drenado, poroso ou compactado. Todos eles são caminhos abertos. Essa é a linha sutil da adaptabilidade, resistindo à seca, envolvendo bem sob o sol pleno, buscando a luz e habitando um caule ereto.

A bordar e ser: ponto instituinte, inventado! Nada de erva daninha, planta invasora, inço que brota espontaneamente em terra não cuidada ou tratada, indesejada nos campos e pastagens. Essa construção da linguagem em blocos e/

ou uma rede intricada de contextos para definir o que não se pode conter, dentre sinônimos e alternativas, os significados entrelaçados de erva daninha, em muito se assemelham às classificações que culturalmente inventaram sobre elas, as mulheres. Ao longo da história, tratadas como seres inferiores, insubmissas, bruxas, descontroladas, quando em nossa fibra pulsa o sonho, a competência, a fertilidade de várias formas na vida, na ciência, na arte e na espiritualidade.

Ainda, há uma crença de que não preciso de cuidados, como se o meu crescimento fosse apenas um capricho estético, quando é fisiologia vegetal. Então, quanto menos competição no ambiente, mais nutrientes estarão disponíveis para uma convivência colaborativa entre espécies. Ao ser desidratada, posso virar chá e aliviar a dor. Eu sou bem quista em muitas culturas, porque eu tenho propriedades analgésicas que ajudam a reduzir o desconforto e, rica em flavonoides e carotenoides, com ação anti-inflamatória posso contribuir para o tratamento de inflamações. Além de ajudar a tratar doenças respiratórias, desobstruindo as vias respiratórias e ajudando a eliminar a secreção. De forma moderada, o meu uso pode aliviar sintomas de gripe, resfriados, bronquites, faringites, infecções na garganta e laringe. Por tudo isso, não se deixe enganar a meu respeito, quando dizem que sou apenas praga no pasto e prejuízo a outras formas de vida.

Como um ser vivo, tenho meu próprio ritmo e falo por meio do meu crescimento. Assim, ao respirar me conecto melhor; ao dançar a vida e conviver com outros seres, experimento a força da natureza que sou até aforar em mim o flerte com a finitude. Ainda assim, sou natureza em outra dimensão a espalhar os elétrons no Universo.

Referências

COSTA NETO, E. M. Ecologia espiritual e patrimônio biocultural. **Travessias**, v. 14, n. 1, p. e24180, 2020. DOI: 10.48075/rt.v14i1.24180.

MATURANA, H.; VARELA, F. J. **De máquinas e seres vivos**: Autopoiése – a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

POVINELLI, E. **Geontologias:** um réquiem para o liberalismo tardio. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

A espiral de Colônia

Isabela Rodrigues

E o tambor iniciou a batida ritmada me convidando ao centro.

O silêncio é porta e é poder e sua escuridão aveludada me conduz.

A descida é em espiral, cada vez mais fundo, a cada giro mais interna.

A terra macia me recebe. Levanto como que puxada por uma mão delicada e invisível e sigo. O cheiro doce me sustenta e guia. Me percebo aos pés de uma Senhora planta. Uma mãe? Uma amiga? Sinto a ambas.

Seus pés-raízes me trazem paz e estabilidade e ao tocar-lhe como que me toco. Magicamente me uno à sua força e ao seu poder e com ela me torno uma com Ela.

A mente percorre seu enlace místico. Em espiral, em espiral. Tudo aqui se faz em espiralados giros.

E sou raiz e caule e folha e flor e cheiro... O cheiro doce que exala o universo. Como chegar aos seus confins?

As pétalas róseas em canoa me conduzindo ao centro amarelado. O cheiro é incrível, acalma, acalenta. Sinto-me transformar em essência.

E o giro cessa. Cheguei ao ponto máximo, em altura e esplendor. Como seguir adiante? O centro. Novamente sou convidada ao centro, mas dessa vez em uma espécie de casulo.

E ao meu redor as pétalas se fecham, me enrolam, me embalam fazendo parte de mim. E silêncio. A porta e o poder.

E sinto o sol tocando-me a pele. Sol? Sim, o astro-rei me alimenta e acorda. E sinto meu corpo outra vez, mas diferente, espectral. Ao me espreguiçar me vejo da cor da pétala, brilhante, cheirosa.

E em pétala me espreguiço. São asas! Do ventre da Colônia me faço asas. Pronta para levar sua mensagem de amor e acolhimento ao mundo.

Assim, em tambor, espirais e cheiros nascem as fadas. Voo.

A pequena Brívia[1]

Laura Valentina Amézquita Niño

Chamo-me Brívia.
Sou pequena.
Um verde baixo a abraçar a pedra.
Não tenho flores brilhantes nem frutos doces.
Não toco o céu.
Prefiro ficar perto do chão.
Quando a chuva cai
acordo inteira,
bebo cada gota
como se fosse um presente.
Minha cor fica mais verde, mais vivo.
Quando o sol queima, recolho-me em silêncio.
Espero apenas
porque a água voltará.
Sou tapete macio sobre a rocha.
Sou um pequeno refúgio,
com paciência verde.
Não sou alta, nem chamativa,
mas permaneço
sempre na toca.

1 *Bryum argenteum* Hedw. (Bryophyta, Bryaceae), conhecido popularmente como musgo-prateado.

Raízes em terra estrangeira: entre nomes e chamas

Leví Cerqueira Montino

Sou uma árvore grande e ampla. Sinto meus ramos se expandirem para formar uma copa frondosa que ocupa o ambiente ao meu redor. Meus galhos crescem como se braços fossem e ao se unirem às folhas recompostas formam uma ampla sombra. Meu tronco é firme para suportar o peso dos meus ramos que sustentam as folhas ao captarem energia luminosa. Onde cresço chamo a atenção dos passantes pelo porte alto e expansivo.

Quando minha casa, o solo, me fornece nutrientes por meio das raízes, respondo fazendo crescer novas folhas e flores, que com seu vermelho intenso roubam a cena da paisagem. A cor das minhas flores se assemelha às chamas e transmite minha força e resiliência mesmo diante de condições adversas. Aves e borboletas me visitam em busca do alimento que ofereço por meio de minhas chamas vermelhas.

Humanos passam por mim, observam, repousam sob minha ampla copa em busca de sombra, alívio e contemplação. Minhas raízes se acomodam e se espalham no solo, retirando o sustento para meu crescimento. Elas tateiam o chão e muitas vezes se encontram com o concreto, que tento romper. Eu altero a paisagem da qual faço parte de

acordo com a chuva, temperatura e condições ambientais. Em alguns momentos faço brotar o verde, em outros faço cair folhas antigas. Construo flores que se transformarão em frutos e sementes, carregando parte de mim para uma próxima geração. Embora eu seja utilizada principalmente para fins ornamentais, possuo outras utilidades que muitos não conhecem, como antioxidante e antiinflamatório.

A mim me atribuem diversos nomes, reflexos da imponência do meu corpo. Se em Madagascar, minha terra natal, sou chamada de Sarongaza, pelo mundo ganhei outros nomes: Flamboyant para os franceses e Royal Poinciana para os falantes do inglês. No Brasil, sou a Árvore-de-fogo e, para a ciência, sou universalmente conhecida como *Delonix regia*[2]. Os nomes mudam com o tempo e o local, mas eu permaneço com a essência inalterada. Para a ciência posso ser considerada espécie exótica, mas eu mesmo considero esta terra como minha segunda casa. Quando passarem por mim, não se atentem aos nomes, apenas desfrutem da minha sombra.

2 Ordem Fabales, Família Fabaceae.

A vida no subsolo: histórias de um dragão da savana

Álefy Gonçalves de Barros

Meu nome é *Dracaena trifasciata.*

O tempo me vestiu de muitas peles: no princípio fui *Sansevieria trifasciata,* para os Yorubas Ọ̀já ikọ̀ọkò; para os ingleses, snake-plant; e os brasileiros me chamam de espada-de-ogum. Nomes humanos para uma anciã, que rasteja antes mesmo que o primeiro homem soubesse falar.

Sou africana, minha casa é na Nigéria, tenho uma família numerosa. Só em irmãos somos mais de 198, como a *Dracaena masoniana, Dracaena liberica* e *Dracaena zeylanica.* Convivemos bem, porém nos espalhamos por toda a África e Ásia. Serpenteando os subsolos secos e rochosos conseguimos nos esconder de nossos inimigos, conquistando territórios em silêncio e sobrevivendo por milênios.

Eu sou o meu corpo, raízes curtas e escuras, que me fixam ao solo; com meu caule, rizomatoso e esguio, rastejo lentamente por debaixo da terra, como um dragão que explora os céus sem a pressa de uma chegada, ou como no aconchego de quem está debaixo de cobertores confortáveis em um dia frio.

As minhas folhas, fibrosas e rígidas, saem de minhas costas. Elas são em forma de lança, esverdeadas como a gra-

ma, de listra brancas horizontais como uma serpente coral, que alerta sua periculosidade. Por isso, poucos ousam me comer, mas aos que tentam enfrentam o sabor amargo de sabão em minhas células, infundindo as minhas agulhas de cristais microscópicos capazes de afastar o maior dos herbívoros.

Mesmo forte e rígida, a morte é um destino inevitável que sigo, na secura das savanas. Sob o brilho da lua e das estrelas, descanso com a iminência do destino que me aguarda, o qual descarrego em suspiros episódicos. Como num espreguiçar, as minhas hastes florais emergem entre folhas, expondo as flores brancas tubulares que atraem as mariposas em busca do meu doce néctar que está a fermentar.

Com o aproximar das chuvas e do calor me despeço das flores que originam os meus filhos e filhas, frutos esverdeados que se alimentam de minhas energias. Sem que eu perceba, eles avermelham-se e encontram seus parceiros, pássaros que estão para o vento, tal qual nossos filhos estão para o mundo.

O ciclo se renova. O dragão da savana adormece, viajando sem a pressa da chegada.

Conquistadora de mundos, invasora de florestas, anciã dos venenos, esta sou eu: *Dracaena trifasciata,* a herbácea viajante do subsolo, que transforma estresse em vida verde e florida.

Eu, Maria Gorda: baobá

Ana Cecília Estellita Lins

Eu, Maria Gorda

Chamam-me Maria. Deram-me identidade. Como cada Maria, sou única. Mas minha memória é coletiva.

Sou Maria Gorda, a seu dispor. Dizem que sou imponente. Mas vejo o céu, vejo o mar à frente, e sinto-me pequena frente às águas e sob o luar.

Minha espécie seguia as correntes do mar. Ao sentir na brisa as algas que ainda restam em torno, rememoro a livre viagem de irmãos e irmãs rumo a outras terras. Meu destino, no entanto, foi definido pelos seres bípedes descascados.

Sentia-me brotando, aquecida e hidratada. De repente, fui arrancada e sufocada. Não havia mais sol, apenas percepção de acritude e muita sacudidura. A umidade, antes refrescante, agora ardia, pegajosa. Vi-me amolecendo, acinzentando, e me deixei minguar.

Subitamente, inesperadamente, vi-me exposta a um outro sol, carregada e enfiada em uma cova hostil, cheia de seres estranhos. Com minha fraqueza, apenas recebia a água que vinha até mim. Busquei uma raiz amiga, mas não reconhecia ninguém. Contudo, fui-me sentindo nutrida. Aos poucos, fui crescendo e engordando.

As árvores vizinhas tornaram-se familiares: quixabeiras, paineiras, mais à beira d'água, coqueiros (Duarte, 2016;

Andrade; Andrade, 1984). Sentia-me acolhida. Passei a fazer parte da história desse novo lugar, incluí-me em suas descrições. Enquanto Augusto esperava a Moreninha passar pela avenida "[...] coberta de belos arvoredos, estimáveis, ou pelos frutos de que se carregam, ou pelo aspecto curioso que oferecem" (Macedo, 2013, p. 37), eu o espreitava curiosa. Divertia-me com as histórias desses seres bípedes humanos, que por vezes podem se mostrar amorosos.

Minha lembrança mais tenra desses seres é dos primeiros cuidados que recebi de um pequeno grupo que se assentou bem perto de mim. Eram alegres, dançavam, se coloriam, contavam a história do mundo, nos respeitavam a todas e todos. É uma pena que fossem hostilizados pelos outros bípedes, bem diferentes, que viviam cobertos e exalavam odores fétidos.

Naquela época eu era mais nova e ainda não conseguia compreender os distintos funcionamentos dessa espécie. Com o tempo, passei a registrar suas histórias: de imigrantes negros arrancados de suas famílias, como o desesperançado João Saudade; de um rei triste e doente que vinha tratar suas pernas ulceradas; de grupos fardados de branco e de azul se engalfinhando e agredindo — até matando — os que moravam por aqui (Duarte, 2016).

Houve um deles que me tratou com carinho especial: José Bonifácio, um velho que amava o nosso reino (Duarte, 2016).

Na história desses bípedes humanos, eu comecei a ocupar um espaço curioso. Foi quando me deram esse nome de Maria Gorda. Puseram placas em torno de mim, com meus dados pessoais. De repente, começaram a fazer festas em homenagem a nosso reino vegetal, começaram a trocar

mensagens com a gente. Depois, os daqui, os visitantes e os turistas passaram a fazer fila para me beijar. Sentia-me divertidamente integrada (Duarte, 2016; Clarke; Paiva, 2025).

No entanto, de quando em quando eu precisava refazer meus contatos. Alguns daqueles já familiares morriam — muitos assassinados por bípedes. Outros eram afastados. Coisas sem vida eram interpostas entre nós. Tive um descendente que foi decepado aos sete anos de idade, ainda bebê. Mesmo que uma das placas que me rodeiam alerte "sete anos de atraso a qualquer maldade a mim feita", parece que a tais bípedes pouco importa assumir uma vida de atrasos.

Felizmente sei que João Gordo, com ajuda de outros bípedes, pode renascer.

Muito disso que recordo está distante, contudo, segue registrado em meu corpo de imigrante, em minha memória corporal e na memória coletiva da minha espécie. Com o tempo, adaptei-me aos diferentes seres que encontrei, que me receberam, que se serviram de mim. Mesmo aos que me hostilizaram. Tornei-me forte e resiliente. Sem semelhantes por perto, experimentei a dor da individualidade. É assim que segue minha espécie.

Dizem que sou jovem, que ainda estou no primeiro quartel de minha vida. São cálculos de bípedes. Se eu continuar com o calor do sol, a brisa do mar, a vibração das algas e meus outros amigos em torno, sigo forte e acolhedora. Se os predadores bípedes descascados permitirem, me mantenho como espécie.

A baobá de Paquetá

O baobá (*Adansonia digitata* L.) é uma espécie africana originária de Madagascar que se espraiou por outras regiões da África e, inclusive, da Austrália, por ter tido sementes levadas por correntes marítimas. É uma árvore que apresenta a marcante longevidade de mais de 2.400 anos e se caracteriza, ademais, por sua longa existência na Terra, estimada entre sete e dezessete milhões de anos (Parker; Lewington, 2012; Kitony *et al*., 2024; Wan *et al.*, 2024). Seu tronco constitui-se de um reservatório de água que pode abarcar 136 mil litros, razão pela qual é considerada "a árvore da vida" por vários povos que habitam regiões áridas (Parker; Lewington, 2012).

Maria Gorda, a baobá de Paquetá, existe desde o século XVII (Clarke; Paiva, 2025). Portanto, ela vivenciou séculos da história brasileira ocorrida no litoral do Rio de Janeiro.

Mudanças climáticas, dentre outras consequências dos desequilíbrios do Antropoceno, afetam baobás, assim como todos os demais viventes. Algumas dessas árvores têm morrido jovens devido a fatores como aquecimento global e exploração desenfreada (Kitony et al., 2024). Outras espécies de baobá já correm risco de extinção (Wan *et al.*, 2024).

Maria Gorda, no entanto, ainda guarda a esperança de ver os seres bípedes predadores evoluírem rumo a uma interação mais equilibrada com as demais espécies do planeta e utilizarem suas habilidades em prol da proteção do ecossistema planetário.

Referências

CLARKE, Felicity; PAIVA, Raquel. A comunicação comunitária da vida da árvore baobá Maria Gorda na Ilha de Paquetá. *In***:** CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 48., 2025. **Anais**... Vitória – ES: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2025.

DUARTE, André. **Barca, território e vínculo**: uma etno-reportagem entre Paquetá e Praça XV. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

KITONY, Justine K.; COLT, Kelly; ABRAMSON, Bradley W.; HARTWICK, Nolan T.; PETRUS, Semar; KONOZY, Emadeldin H. E.; KARIMI, Nisa; YANT, Levi; MICHAEL, Todd P. Chromosome-level baobab genome illuminates its evolutionary trajectory and environmental adaptation. **Nature Communications**, v. 15, n. 8833, p. 1-14, 2024.

MACEDO, Joaquim Manoel de. **A moreninha**. São Paulo: DCL, 2013.

PARKER, Edward; LEWINGTON, Anna. **Ancient trees**: trees that live for a thousand years. Londres, GB: Batsford, 2012.

WAN, Jun-Nan. The rise of baobab trees in Madagascar. **Nature**, v. 629, n. 8014, p. 1-9, 2024.

Zínia: A sábia flor da resistência[1]

Marcela Kelly Sena de Jesus

As flores chamam atenção pelo seu perfume; outras, pela raridade ou pelo símbolo histórico que muitas carregam. Eu já sou conhecida pela minha resistência, pelas cores e pela elegância que carrego, que condizem com meu local de origem: a América, marcada por um povo de luta, resistência e diversidade cultural.

Não necessito de muito para nascer, nem de jardins planejados. Contento-me com o pouco que me oferecem: um solo simples, um pouco de água. Minha maior exigência é a luz do sol, que me aquece e me permite crescer.

Nasci pequena, quase não notada, entre sementes espalhadas por mãos distraídas e amigos polinizadores. Não fui plantada com solenidade; fui lançada ao solo como quem faz um gesto simples de esperança. E, ainda assim, brotei. Porque há em mim uma urgência silenciosa de existir.

Desde cedo aprendi que a vida não é fácil; ela exige resistência e luta. Já aguentei verões longos, tempestades fortes e sobrevivi em meio a ervas daninhas. Mesmo em meio ao caos, minhas raízes souberam persistir e me manter firme.

1 *Zinnia elegans* Jacq. (Asteraceae) é nativa do México, conhecida por suas flores vibrantes e facilidade de cultivo, o que a torna uma escolha popular para jardins em todo o mundo.

Elas se aprofundam mesmo em lugares que parecem não ser adequados para flores nascerem.

Tenho amigas que contribuem para que eu floresça em diversos lugares. Consegui formar essas alianças observando seu gosto por cores vibrantes. As abelhas que me visitam amam minhas cores — rosa, laranja, vermelho e amarelo —, e apreciam meu estilo nada discreto. Minha resistência sempre foi colorida.

Não tenho um perfume marcante, nem estou presente em cantigas ou canções. Contudo, estou nos canteiros escolares, nos jardins simples e posso dividir espaço com outras plantas, como mandioca, feijão e milho. Contribuo embelezando os lugares com minhas cores e atraindo abelhas, que ajudam a polinizar outras espécies além da minha.

Sobrevivo às mudanças do clima e aguento as altas temperaturas; por isso, estou presente em boa parte do continente americano, principalmente no México. Meu valor não está na raridade, mas na constância, na persistência silenciosa e na resistência cotidiana. Assim, floresço em lugares áridos e mostro que a permanência também é uma forma de beleza e força.

Demonstro que resistir não é apenas suportar; é transformar a adversidade em cor e o desafio em crescimento. É fazer da própria existência um contínuo da vida, tornando cada oportunidade de florescer um momento valioso.

Eu, *Cryptanthus cruzalmensis*

Maria Eduarda Bomfim

Nasci longe dos holofotes.

Entre sombras em meio a clareiras e os ruídos de uma cidade em constante expansão, estou eu: em um pequeno refúgio chamado Mata de Cazuzinha, na cidade de Cruz das Almas, interior da Bahia. Ali, onde o concreto ameaça avançar, eu insisto em existir.

Me chamo *Cryptanthus cruzalmensis*.

Não tenho o porte das grandes árvores que desenham o céu, nem o deslumbre das espécies que primeiro chamam o olhar. Cresço rente ao chão, discreta, quase escondida, sou uma erva. Mas quem se aproxima percebe: minhas folhas formam uma roseta aberta, firme, característica que herdei da família que pertenço, as bromélias.

Minhas folhas carregam tons que variam conforme a luz que me alcança: em alguns dias, um verde intenso; em outros, verdes com nuances amarronzadas. Minhas margens trazem estruturas quase como uma serra, uma defesa sutil em um mundo que constantemente me ameaça. Minhas flores são pequenas, brancas e delicadas; surgem quase protegidas no centro do meu corpo. Floresço sem espetáculo, mas com persistência, porque aqui sobreviver já é um ato grandioso.

Meus frutos são redondinhos. Quando levados pelo vento, deixo descendentes que carregam minha continuidade. Meu ciclo é silencioso: cresço e floresço sem pressa. Aprendi que, em ambientes instáveis como o meu, a permanência depende mais da resiliência do que da velocidade.

Ainda sou nova aos olhos da ciência. Fui descoberta e nomeada há pouco tempo, reconhecida como exclusiva deste fragmento específico de floresta que resiste cercado pela cidade. Mas minha existência é muito anterior ao meu nome.

Ser exclusiva da Mata de Cazuzinha é uma honra para mim; contudo, acabo carregando um peso que não escolhi: o peso de existir em um local que luta pela própria permanência em meio ao processo avassalador da urbanização. Ou seja, se as pessoas não notarem a importância da minha casa, eu posso simplesmente deixar de existir.

Ser um fragmento, porém, não é ser pouca coisa. É carregar o peso de salvaguardar o que sobrou. Aqui, cada pedacinho da floresta conta uma história; cada espécie, assim como eu, tem sua importância. E, mesmo pressionada por todos os lados, a Mata de Cazuzinha continua. Resiste em silêncio, me sustenta e insiste em guardar a vida que ainda cabe dentro dela.

E eu sigo aqui. Cada folha que produzo, cada flor que se abre, é também um gesto de persistência. Um lembrete de que mesmo o que parece pequeno e despercebido carrega histórias profundas e um valor grandioso.

Se você me encontrar, olhe com cuidado, não sou apenas uma planta. Sou memória viva de um lugar que resiste, assim como eu.

Calamengau mentolado

Lin Chau Ming

Aqui no Brasil somos uma planta que recebe dois nomes bem genéricos, hortelã ou menta, os quais são sinônimos; um substitui o outro, sem grandes problemas. Provavelmente o primeiro nome se refira à palavra em latim *hortus*, que significa jardim, horta, em referência ao local onde somos encontradas, mas que também indica que somos cultivadas nesses locais há muito tempo pelos humanos. E a segunda palavra é derivada do nosso nome latino, *Mentha*, numa adaptação fonética bastante simples, fácil de entender.

As diferenças morfológicas e químicas entre nossas irmãs, primas e outras parentes nas quais somos chamadas por esses nomes se devem a muitas situações. Temos formatos das folhas e cores dos caules diferentes. Temos flores igualmente diversas. Temos porte e hábito também que nos distinguem umas das outras. As substâncias químicas nos conferem aromas diferentes também. E com isso, somos usadas para diferentes finalidades.

Mas temos algumas semelhanças, apesar das diferenças. Uma das semelhanças é no nome popular que nos dão em várias partes do mundo. A maior parte de nós é originária da Europa e da Ásia, em regiões de clima temperado e re-

cebe nomes a partir do original latino, mesmo em países sem essa matriz linguística, como *mint* em inglês, *munt* em holandês, *menta* em castelhano, *menthe* em francês, *minze* em alemão, *minttu* em finlandês e *minto* em japonês.

No Brasil, nós nos adaptamos melhor nas regiões mais frias, apesar de podermos ser cultivadas em locais mais quentes, mas com certa dificuldade de adaptação. E nos chamam por esses dois nomes, mais frequentemente, hortelã ou menta, mas que dependendo do lugar e do contexto, um pode ser mais comum que o outro.

Até música já fizeram com esses dois nomes nossos. Não sou muito de escutar música, mas já ouvi uma música, mais antiga, do Guilherme Arantes, de 1982, chamada Hortelã. O mesmo nome dado para uma música mais moderna interpretada pela cantora Maro. E sem falar na música do Oswaldo Montenegro, chamada "Drops de hortelã". Acho que a palavra *drops* não é tão frequentemente usada atualmente, um anglicismo antigo; vejo hoje sendo simplesmente usada a palavra brasileira "bala". Já a palavra "menta" é encontrada em músicas latinas românticas e também na Música Popular Brasileira, por causa da mesma grafia e pela suavidade do aroma.

Como eu já havia falado, eu e minhas primas próximas fomos batizadas com o nome de *Mentha*. Esse nome foi dado pelo botânico sueco Lineu em 1753 para se referir ao nome da planta nessa língua e temos vários sobrenomes, conforme fomos descritas e depois batizadas, de acordo com algumas de nossas características. Tenho primos e primas de primeiro grau, como: *Mentha aquatica*, por ser encontrada em ambientes mais úmidos, palustres, na Europa; *Mentha*

suaveolens, por meu aroma mais suave, adocicado; *Mentha spicata*, que possui uma inflorescência terminal em forma de espigas, e *Mentha rotundifolia*, por causa de suas folhas com formato arredondado, todas elas de origem europeia.

Já *Mentha piperita*, que talvez seja a mais famosa e espalhada por todo os lugares, tem sabor picante, como a pimenta-do-reino, *Piper nigrum*, e por isso levou esse nome. *Mentha pulegium*, por causa de seu aroma encantador, doçura, no sentido figurado, encontrada também na Ásia. *Mentha arvensis*, que significa ser encontrada em áreas cultivadas, em uma grande região da Eurásia. *Mentha longifolia*, que possui folhas mais compridas, encontrada até na África. *Mentha citrata*, que tem aroma mais cítrico, também europeia. *Mentha viridis*, a verdadeira, para não ser confundida com a prima *Mentha spicata*. E *Mentha requienii*, em homenagem a um botânico, Esprit Requien, que estudou a flora do sul da França e Córsega no século XIX. Uma infinidade muito grande que nem eu mesma consigo me lembrar dos nomes e reconhecer toda a primarada.

E, de acordo com o local onde somos encontradas, também recebemos muitos outros nomes e acabamos sendo usadas para fins diversos, não apenas o uso medicinal, de acordo com nossas características químicas. Por exemplo, aromatizante para chocolate, chiclete, chás, com nossa prima *Mentha piperita*, ou em pasta de dente, com a *Mentha aquatica*. *Metha pulegium* para sabonetes e outras usadas na culinária ou mesmo como planta ornamental, afinal, nossas inflorescências, de cores que podem variar de branco a lilás, são realmente muito bonitas, cheirosas e agradáveis, além das cores e formatos das folhas.

Uma situação que eu sempre vejo e é uma confusão bastante comum em um dos nomes de parentes nossas: quando alguém pergunta por "hortelã-pimenta", muitos indicam *Mentha piperita*, quase uma tradução literal do latim e daí o nome comum em português. Outros indicam como sendo *Ocimum gratissimum*, um parente distante da família, talvez pelo gosto picante de suas folhas, provocado pela presença de eugenol, um óleo essencial que dá essa sensação, e que é geralmente encontrado nos botões florais do cravo-da-índia, *Syzygium aromaticum*, uma árvore da família Mirtácea, e bastante comercializado em todo o mundo para aromatizar alimentos ou ser usado como anestésico em procedimentos odontológicos. E quando procuram "hortelã-da-folha-gorda" ou "hortelã-da-folha-grande", logo indicam *Plectranthus amboinicus*, parente distante asiática, também conhecida aqui no Brasil como malvarisco ou malvariz.

Outra situação que gostaria de mencionar é que por causa do aroma oriundo da pulegona nas folhas, nossa prima *Mentha pulegium* é sempre confundida com uma parente brasileira, *Cunila microcephala*, pois ambas têm a pulegona como principal componente de seu óleo essencial, mas pessoalmente eu acho que as duas têm características morfológicas bem diferentes, facilmente reconhecidas para quem tem um olhar mais acurado, apesar do aroma extremamente semelhante.

Além disso, por causa do trabalho das abelhas e outros insetos polinizadores, bem como pela proximidade dos locais onde a gente se encontra e é cultivada, acabamos nos misturando facilmente, associado ao que muitos agricultores, ao longo de séculos, fizeram com nossos antepassados,

realizando cruzamentos forçados, mexendo em nossas partes íntimas, criando variedades, cultivares, ou mesmo misturando as espécies, resultando em tipos bem diferenciados de nossos parentes.

Certa vez assisti a uma improvável palestra de um antropólogo, em um local também bastante improvável, no Acre, onde fui citada. Digo improvável para ambas as situações porque, no primeiro caso, imaginar um professor da área de Ciências Humanas que iria falar sobre botânica e no segundo caso, num estado amazônico onde eu tenho muita, mas muita dificuldade em crescer e desenvolver, dado o calor extremo daquele lugar e não somos tão cultivadas assim. Mesmo imaginando que os humanos, muitos deles, têm tido uma visão bem mais interdisciplinar ou ainda transdisciplinar sobre diferentes assuntos, eu fiquei realmente surpresa naquele momento.

O ocorrido merece uma explicação diante do inusitado. O evento era sobre plantas medicinais e quase todos os palestrantes tinham especialidade botânica, química, farmacêutica ou agronômica, áreas técnico-científicas normalmente estudadas pelos professores e pesquisadores, além do público participante, composto majoritariamente por estudantes e profissionais que atuam nessas áreas.

A comissão organizadora convidou um antropólogo para dar uma palestra sobre os conhecimentos tradicionais dos usos das plantas medicinais, assunto que tem sido quase que obrigatório nas abordagens na área. Nordestino, tinha muita experiência com o assunto, era nome respeitado pela academia, pois era professor de renome. Era presença frequente nos debates sobre as Farmácias Vivas, projeto que

existe em vários estados brasileiros e constituía-se em uma alternativa para o uso das plantas medicinais com alcance para a população mais pobre do Brasil.

Respondendo a uma pergunta do público, de como havia tantos tipos de hortelãs ou mentas (oops, eu!), que ficava então muito difícil identificar as plantas, todos esperavam que ele fosse responder a partir dos aspectos genéticos, das variações existentes na botânica e química da nossa espécie, numa visão ou abordagem interdisciplinar, ele sendo um antropólogo. E ele se saiu com essa explicação:

— Sabe, quando chega à noite, vai ficando tudo escuro. E então as hortelãs (foi como ele se referiu à nossa espécie) que estão nos canteiros das hortas aproveitam a escuridão, saem deles, dão um jeito de escapar e vão procurar outras hortelãs que estão por perto, pulam a cerca e começa o carnaval, uma pegação danada, um tal de pega aqui, pega ali, segura aqui, segura ali, pega nisso, pega naquilo, uma sacanagem só. E de manhã, quando o sol já apareceu, está feito o calamengau. O que esperar das características dos próximos descendentes dessas hortelãs? Muita diferença no tamanho, nas formas, nas cores e na parte química deles! Conseguiram entender agora? Está explicado? — disse, devolvendo a questão ao público.

Achei incrível a forma como ele abordou a questão, até meio engraçada, linguagem popular, sobre uma questão técnica-científica. Respondeu corretamente à pergunta, numa forma interdisciplinar, ou talvez tenha até sido num enfoque transdisciplinar, relacionando diferentes aspectos transversais da questão, de maneira simples, concordam? Uma habilidade importante, que poucos humanos conseguem desenvolver, no que eu, hortelã (ou menta), lamento.

Entre a fome e a folha. Eu, assa-peixe

Rafael da Silva Santos

Eu nasço onde quase ninguém aposta.

Broto nas beiras das estradas, nas terras cansadas, nos pastos pisados, onde o solo parece já ter desistido. Cresço sem pedir licença. Sou dessas que não esperam fertilidade perfeita. Aprendi cedo que resistir é florescer onde dizem que nada mais vinga.

Chamam-me assa-peixe[1].

Meu nome carrega fogo.

Minhas folhas são ásperas, largas, resistentes. Quem me toca sente minha textura antes de saber quem eu sou. Antes de conhecerem meu nome científico, antes de me classificarem em famílias e gêneros, já me reconheceram pelo cheiro, pelo toque, pela utilidade. Fui primeiro corpo, depois palavra.

No Vale do Jiquiriçá[2], eu não era apenas planta. Eu era recurso. Era cuidado. Era estratégia.

1 *Vernonia polyanthes* Less. (Asteraceae).

2 Vale do Jiquiriçá, localizado no centro-leste do estado da Bahia, abrange um conjunto de 20 municípios; caracterizada por um mosaico de ecossistemas, principalmente fragmentos de Mata Atlântica em diferentes estágios de regeneração, além de áreas de transição com o bioma Caatinga.

Quando a carne precisava atravessar o tempo sem apodrecer, eu estava lá. Deitada sobre a grelha, entre o fogo e o alimento, protegia o que sustentaria a família. Minhas folhas suportavam o calor para que outros corpos não passassem fome. Aprendi a conversar com o fogo. Aprendi a guardar o alimento na fumaça lenta das madrugadas.

O fogo me conhecia.

As mulheres me conheciam. Foram elas que me colheram com respeito, que sabiam a hora certa de cortar, o tamanho certo da folha, o tempo exato da brasa. Elas apenas sabiam. E, ao saber, me mantinham viva na prática.

Eu era silêncio que alimentava.

Mas nem sempre fui abundância.

Também fui remédio contra o vazio.

Houve dias em que o alimento não chegava. Dias em que o estômago das crianças doía e o corpo ficava fraco. Nesses momentos, alguém dizia: "Cheira a folha."

E lá iam eles, pequenos, aproximar o rosto de mim.

Meu cheiro forte invadia o nariz, despertava algo, distraía a tontura. Eu não enchia o prato, mas ajudava a atravessar a espera. Eu não substituía o alimento, mas oferecia alívio. Às vezes, resistir é isso: suportar mais algumas horas.

Eu aprendi que existir é também consolar.

Cresci assistindo à pobreza e à dignidade caminharem juntas. Vi mulheres transformarem escassez em invenção. Vi crianças aprenderem a reconhecer cada planta do quintal como quem aprende letras de um alfabeto vivo. Eu era parte dessa linguagem.

Quando alguém dizia "assa-peixe", não falava apenas de mim. Falava de sobrevivência. Falava de fogo lento. Fala-

va de criatividade diante da falta. Meu nome era memória comprimida em duas palavras.

Depois, o tempo mudou.

A comida começou a chegar com mais regularidade. A fome deixou de ser visita constante. Pensei que talvez me esquecessem, mas continuaram me buscando não por desespero, mas por lembrança.

Não por necessidade extrema, mas por gratidão.

Hoje, quando minhas folhas voltam à grelha, não é a miséria que conduz o gesto. É a memória. É o reconhecimento de que eu estive ali quando quase nada mais havia. Permaneceram comigo porque eu permaneci com eles.

Sou planta de terra pobre.

Sou folha de fogo.

Sou cheiro que sustenta.

Habito o chão, mas também habito as histórias. Estou nas margens das estradas e nos cantos da memória. Cresço onde a vida parece frágil, lembrando que resistência não é dureza, é adaptação.

Enquanto houver alguém que pronuncie meu nome lembrando da travessia da fome para a dignidade, eu continuarei viva.

Não apenas como espécie, mas como lembrança.

Eu sou a assa-peixe.

E ensinei, em silêncio, que resistir também é florescer onde ninguém mais acredita.

Mandioca, Aipim, Macaxeira: sou uma planta com muitos nomes

Genival dos Santos Lima

Olá! Eu sou a mandioca, ou seria aipim? Ou, ainda, a *Manihot esculenta*, ou a macaxeira? Bem, assim como muitas outras plantas que mudam nome e aspecto dependendo da terra onde fincam os pés, eu também recebo nomes variados e características diferentes. Posso ser o aipim roxo com a pele escura e uma casca interior roxa, posso ser o aipim branco com a pele clara — mesmo com essas diferenças tenho a mesma função. Mas não me leve a mal por ter tantos nomes e características. Me chamem e usem como você me conhece, afinal, cada um tem seus próprios critérios e jeitos para dar os nomes.

Sabe, às vezes vejo pessoas discutindo qual o meu nome "correto". Que besteira: O mais importante não é como você me soletra, mas como você me conhece e me respeita. Nomes diferentes não se discutem, não é mesmo? Se conhecem e se entendem como parte de uma riqueza cultural.

Dizem por aí, acho que os estudiosos da botânica, que eu sou uma planta genuinamente da América do Sul, talvez da região Amazônica do Brasil. Daí, eu consegui me espalhar por muitas partes e hoje tenho, é claro, muitas irmãs e parentes espalhados por quase todos os países da América do Sul, como Argentina, Paraguai e Uruguai.

Meus pés estão fincados nesta terra desde muito antes de os nomes que você conhece hoje existirem. Possivelmente fui domesticada e reverenciada pelos ancestrais indígenas, que foram meus primeiros cuidadores. Eles aprenderam a ler meus sinais e a entender que eu me adapto a cada canto onde me plantam. Eu já falei disso, mas vou repetir: em cada local que vou, recebo nomes diferentes que refletem a cultura de cada lugar, mas minha origem está profundamente ligada às gerações de famílias que, ao longo do tempo, souberam apreciar minha diversidade e meu valor nutricional, pois sou rica em fibras, proteínas e excelente fonte de energia.

Não se engane pelo meu nome em latim, que queriam me padronizar, mas eu sou múltipla. Existem centenas de variedades minhas espalhadas por aí, cada uma adaptada a um tipo de solo, de chuva e de costume. Somos plantas de caule e raízes com diversidade química e física, e é isso que nos dá valor. Algumas de nós têm a casca mais clara, outras mais escura, umas são mais baixinhas e outras se espicham mais para o alto.

Agora preste muita atenção: eu guardo segredos. Não tenho apenas uma raiz dócil, apreciada por todos. Existem as minhas irmãs "mansas", que você cozinha e come com manteiga, e as minhas irmãs "bravas", que não devem ser comidas cruas. Como mandioca brava, eu tenho um veneno que corre dentro de mim que é o ácido cianídrico. Se eu for ingerida sem o devido preparo, posso ser fatal. Assim, para me tornar segura, preciso de cuidados. Você pode ferver as minhas raízes e folhas com água para diminuição do ácido cianídrico. Os povos indígenas ancestrais aprenderam que a

fervura prolongada, a ralação e a prensagem expulsam esse "espírito bravo" que tenho.

Mas não me abandone, pois depois de trabalhada eu viro amiga. Seja no cozido, frita, no beiju, no tucupi, nos bolos, posso ser usada como alimento no café da manhã, no almoço ou no jantar. E tem um detalhe: quando as minhas raízes ficam com massa dura, impossível cozinhar, eu posso ser transformada na farinha nossa de cada dia. Viu? Eu tenho mil e uma utilidades e eu estou aqui para alimentar, desde que você entenda e conheça as minhas variedades e os meus mistérios químicos.

Bem, eu fico por aqui, um grande abraço e não esqueça: cada um tem seus próprios critérios e jeitos para dar os nomes.

Se o licuri pudesse expressar-se em palavras

Rodrigo Mortari

Estou na Caatinga e os humanos me conhecem por vários nomes: Licuri, Ouricuri, Nicuri e outros mais. Muitas vezes estou sozinho, sem companhia de muitos de minha família[1].\a É compreensível, pois sei que eles não se adaptariam a este ambiente. Eu, no entanto, consegui chegar aqui, me estabelecer e prosperar, mesmo diante do sol forte, do solo argiloso ou pedregoso, e das chuvas raras que aparecem só quando querem. O que poderia ser um lugar hostil para muitos parentes meus, para mim foi onde aprendi a sobreviver. Fui tão bem recebido pelos animais locais que não pensei em ir embora — afinal, bastou experimentarem meu mesocarpo e minhas amêndoas para se tornarem fãs. Eles são interesseiros, eu sei, mas ajuda espalhando minhas sementes após suas refeições, e assim me tornei uma das principais palmeiras do Nordeste brasileiro.

Preciso reconhecer meu valor: de nada adiantaria meus amigos propagarem minhas sementes se elas fossem frágeis demais para enfrentar as dificuldades do sertão baiano. Por isso, desenvolvi frutos com uma capa resistente para proteger o embrião e armazenar muita energia, suficiente para germinar nos raros e magníficos períodos de chuva.

1 Família botânica Arecaceae.

Ao contrário de outras espécies da minha família, sou conhecido por crescer devagar, pois prefiro conservar energia para enfrentar longos períodos de seca. Quando jovem, parece que não cresço, permanecendo igual por muito tempo, mas na verdade meu desenvolvimento acontece no subterrâneo: minhas raízes expandem-se pelo solo argiloso, desviando das pedras até encontrarem um local úmido, onde posso me revigorar e continuar crescendo.

Minhas folhas funcionam como placas solares, captando a energia necessária para sobreviver. Nos ambientes onde vivo, a radiação solar é intensa; meus ancestrais sobreviveram graças a estratégias evolutivas que permitiram usar essa energia ao mesmo tempo em que se protegiam dela. Assim, durante minha história evolutiva, passamos a valorizar cada gota d'água, evitando perdê-las para o ar. Diferente de outros membros da minha família, fecho os estômatos[2] das folhas bem antes, preservando recursos com inteligência. Quando minhas folhas morrem, mantenho suas bases ao redor de meu estipe para proteger os vasos condutores, formando cinco fileiras espiraladas, característica que virou minha marca registrada.

Essas adaptações conquistaram muitos admiradores no reino animal, como, por exemplo, a arara-azul-de-lear e populações humanas tradicionais, cuja presença foi fundamental para minha sobrevivência até os tempos atuais.

No entanto, nem tudo são flores. Com a devastação de meu habitat natural, observo, gradativamente, minha espécie sendo destruída e com isso não desaparecem somente

2 Minúsculas aberturas nas folhas utilizados para trocas gasosas.

meus milhares de anos de história evolutiva, mas finda também a palmeira responsável pela sobrevivência de inúmeras espécies de animais, inclusive a humana, que desvendou, ao longo de centenas de anos, meus diversos atributos, ao ponto de terem me apelidado de o "Ouro do Sertão". Para que eu continue existindo, além da minha desenvoltura, para suportar o arrocho climático, vou depender também do empenho dos meus parceiros de longa data. Confio neles, pois sei que eles são arretados e vão me defender.

Barriga-d'água

Ana Maria Rosa

Estou velha e vai longe o tempo em que eu era boa para contar histórias; hoje, passo o tempo é escutando... Mas vocês querem saber de mim, então escutem essa velha barriguda.

Moro aqui nessa beira de estrada há mais ou menos uns 170 anos, não que tenha nascido noutro lugar, mas é como se fosse assim, porque nos tempos antigos, tudo isso aqui era mata e o riacho era bem largo e fundo, um braço forte do Rio Paratigi, que, naquele tempo, era valente como um canguçu[1].

Eu nem sei direito quando começaram as mudanças, só sei que o povo chegou de toda parte, foi abrindo clareira, fincando cerca, plantando milho, fumo e feijão. Não demorou muito, começou a chegar gado e ovelha; a bicharada gorda comia cada vez mais capim, e os da mata iam virando comi-

1 Espécie de felino selvagem (*Puma concolor*) nativo das Américas, também conhecido como onça-parda, suçuarana ou leão-baio. A palavra 'canguçu' tem origem na língua tupi-guarani. É formada pela junção de 'akã' (cabeça) e 'guasu' (grande), significando literalmente 'cabeça grande'. Esta denominação se refere à aparência do felino, que possui uma cabeça proporcionalmente grande em relação ao corpo. Fonte: https://escreva.ai/palavra/cangucu/ Acesso em: 19 mar 2026.

da dos homens; os passarinhos e os veados levavam chumbo; os que rastejavam ficavam presos nas armadilhas e nem o camaleão, bicho esperto que muda de cor, enganava os caçadores. E as árvores? A gente virava madeira; os homens iam derrubando tudo, cortando os pedaços, serrando tiras, queimando os sarrafos. Depois erguiam telhados, fincavam estacas, plantavam mourões... As grandonas de minha família, as mais barrigudas, viravam móveis, cochos para os bichos, vasilhas de comida, brinquedos para as crianças.

Eu só escapei porque ainda era uma paineira miúda e minha barriga bem pequena. Parece que fui a única nessas paragens; cresci ouvindo os viajantes dizerem que nunca tinham visto uma árvore assim. As crianças gostavam de abraçar minha barriga e precisavam juntar os braços para fazerem um círculo. Lembro que elas tiravam o algodão de minhas sementes, jogavam no vento e ficavam espiando os fiapos saírem avoando. Nesse brinquedo, elas se parecem com os passarinhos, as abelhas e as borboletas.

Vocês querem saber por que minha barriga é tão grande? Não advinham o que tem aqui dentro?

É água da chuva. Nossa barriga é como uma cacimba. Guardamos a água no bucho para não esturricar na seca e esperar as chuvas chegarem. É no auge do verão que a florada brota lá no alto, alvinha de chamar atenção. E quando começa a esfriar um pouco no Sertão, as frutas se abrem e nossas sementinhas vão embora nas costas do vento.

Então, devo ter umas parentes em algum lugar aqui pela Caatinga ou lá pelo recôncavo. Algum de vocês já viu gente minha por aí? Dizem que agora nós, as paineiras-brancas, somos poucas no Sertão, estamos quase virando lenda.

E por falar em lenda, vocês sabem como foi que ficamos assim parecidas com garrafas? Bem, as mais velhas contavam que a gente era tão linda, tão forte, tão especial, que ficamos insuportáveis de vaidosas. E de tanto as outras espécies se queixarem de nós, o Todo nos arrancou da terra, botou as raízes nos ares e enfiou a nossa cabeça na terra. No começo foi difícil, mas quando chegou a hora de mudar, preferimos continuar com a cabeça dentro da terra, talvez pela vaidade de sermos únicas. Mas isso aconteceu na terra África, há milhões de anos. Lá, as minhas ancestrais reinam por mais de dois mil anos e somos veneradas como seres sagrados, símbolos vegetais da Grande Mãe.

Eu sou a Boabá-da-Caatinga e eu falei.

Ideias de Espada

Consuelo Penelu Bitencourt

Eram duas horas da tarde de uma quarta-feira, na sala de espera de uma clínica médica. Eu era a primeira paciente daquela tarde. Levava comigo um livro, como sempre fazia nesses momentos, o que me ajudava a passar o tempo de forma menos enfadonha. Naquele dia, acabara de percorrer, com Machado de Assis, a intrigante história narrada em "Ideias de canário", quando voltei o olhar para um canto da sala e me deparei com uma imponente planta que conferia ao lugar um aspecto mais saudável, belo e natural.

Era uma espada-de-são-jorge, que emprestava sua beleza e presença àquele espaço e a todos que nele adentravam. Por alguns instantes, não consegui desprender o olhar daquela visão que contrastava com o restante do consultório. Com os olhos fixos, passei a observar atentamente a planta, que chamava a atenção por sua elegância. De um verde intenso, com pequenas manchas em tom mais escuro, suas folhas rígidas e alongadas, apontando para o teto, pareciam querer alcançar o céu. A planta, com várias folhas em formato de espada ou lança e textura semelhante à do couro, preenchia completamente um comprido vaso de cerâmica.

Sem saber quanto tempo durou aquela contemplação, percebi o vegetal retribuindo-me o olhar de alguma forma.

E, não só isso: por um momento, tive a certeza de tê-lo ouvido dizer:

— Você me olha, mas não me vê.

As palavras da espada, duras como suas folhas, não foram ouvidas por ninguém, mas atravessaram minha garganta, fazendo-me engolir em seco. Após me recompor na cadeira desconfortável em que estava sentada, sussurrei, espantada:

— Você fala... como o canário do conto de Machado!

— Não conheço canários, nem machados — ouvi a Espada dizer, com a mesma aridez da terra em que estava plantada. — O que existe, minha amiga, é a Espada, o quadrado de cor azul, a porta por onde passam pessoas, a janela, o barulho do ar-condicionado e o raio de sol ao meio-dia fazendo cócegas em minhas fibras.

— Mas... você não pensa em sair daqui? Como consegue ficar aqui sem ver a rua? Eu estou esperando há quarenta minutos e já estou impaciente... — tentei estabelecer um diálogo, já que teria de esperar por mais tempo naquele lugar.

A planta "suspirou", fazendo sua lenta fotossíntese:

— Que rua? O universo acaba onde minhas folhas alcançam. Espera? Eu não espero. Eu sou. Esperar é coisa de quem tem pernas e pressa.

Atônita com a conversa inesperada, ouvi meu nome ser chamado:

— Senhora Ângela, favor dirigir-se à sala de atendimento.

Entrei rapidamente no consultório e comecei a mostrar meus exames ao médico, imaginando que, durante a consulta, pudesse esquecer o que havia acontecido. Minha in-

tenção, no entanto, foi logo desfeita, pois ouvi do médico que aquele consultório seria fechado: ele se mudaria para o prédio em frente e iria desfazer-se de todos os móveis antigos.

Ouvi minha própria voz perguntar, um tanto aflita:

— O que o senhor fará com a espada da sala de espera?

— A espada, assim como todas as velharias, será despachada para a caridade — respondeu o médico, do alto de sua calvície e com voz segura.

Ao ouvir isso, e curiosa quanto à continuação do diálogo com aquela planta, ousei pedir ao doutor que me desse a espada para que eu a levasse para casa e cuidasse dela. O médico concordou, satisfeito: naquele mesmo dia poderia se ver livre do primeiro item do velho consultório. Disse-me que já visualizava seu novo espaço, com plantas lindas e artificiais, que enfeitariam sem dar trabalho a ninguém.

E assim foi feito: saí dali e fui para casa com a espada no estreito vaso de cerâmica.

No caminho, íamos, eu e a espada, em meio a um trânsito congestionado, cercadas por motoristas apressados e estressados. Voltando a acreditar que a planta poderia me ouvir, comecei a dizer, com certa impaciência:

— Que demora! Como se não bastasse a espera pela consulta, agora, com esse engarrafamento, vou me atrasar para a academia. Preciso chegar cedo, preciso produzir... não suporto ficar parada!

A espada, parecendo ainda mais dura e fria no interior do carro, reagiu:

— Espera. Atrasar. Preciso. Chegar. Cedo. Produzir. Vocês, humanos, não percebem que não existem no presente? Não veem o momento. Estão sempre desejando e à espera do que está por vir. E, tão logo realizam, caem em profundo tédio.

— Mas a vida é movimento — disse eu. — Se não me apressar, a vida passa e eu não acompanho!

— É sempre assim — a voz inalterável da espada ecoou. — Você está em uma sala e quer ver a rua; está na rua e quer chegar em casa; está em casa e precisa sair apressadamente para cuidar do corpo. Não percebe que uma vontade cega a domina? Olhe para mim: eu não desejo a água... ela cai sobre mim; não corro atrás do sol, mas sou alcançada por ele. O mundo, minha amiga, não é essa correria de afazeres. O mundo é a quietude de raízes e folhas que se bastam.

— Você fala como se a felicidade não existisse, como se devêssemos nos acomodar e não buscá-la — tentei argumentar.

— A felicidade é a ausência de desejo. — continuou a espada — Mas sua espécie prefere o sofrimento da falta. Prefere desejar o que não tem e entediar-se ao conseguir. Você vive no espaço entre o desejo e a frustração. É isso o que chama de vida. No meu mundo, tudo o que existe e faz sentido está onde minhas raízes e folhas podem experimentar. Ir além disso é sintoma de uma imaginação doentia tentando suprir o vazio.

Um silêncio absoluto sucedeu-se a essa fala. Chegamos em casa sem sequer nos olharmos, tamanho era o estranhamento que agora nos atravessava.

Resolvi, então, plantar a espada no jardim, lugar onde, certamente, ela teria ar puro e luz natural, além dos meus cuidados. E assim o fiz.

No dia seguinte, logo pela manhã, antes de me arrumar para o trabalho, fui até o jardim. Escolhi um local com bastante luz, mas que também ficasse ao alcance do meu olhar, já que passaria por ali sempre que chegasse ou saísse de casa.

Ao terminar o serviço, olhei orgulhosa para a planta e pensei: "Agora ela ficará feliz; finalmente poderá contemplar o céu." Sentei-me ao lado dela no banco do jardim e disse:

— Lembra da sala de espera? Veja... ontem eram paredes; agora você está livre. O mundo é imenso! Não sente as raízes na terra, o horizonte sem limites, o ar puro?

Uma das folhas da espada moveu-se minimamente, como um bocejo vegetal, e, com voz calma e distante, ela respondeu:

— Sala de espera? Que esforço o seu, minha amiga, carregando tantas ilusões. O que você chama de ontem é apenas a lembrança cansada do seu desejo de chegar ao amanhã. Você sofria lá porque sua imaginação já estava aqui. E sofre aqui porque sua mente já está inquieta, desejando outros amanhãs.

A espada esticou-se milimetricamente, fincando ainda mais suas raízes no solo, absorvendo o silêncio e a calma da terra.

— Você vive entre a falta e o desejo de possuir. Seu mundo é o intervalo das suas carências. Eu, ao contrário, não carrego o mundo. Eu sou o próprio mundo.

A Espada calou-se por um instante, e sua cor e textura pareciam fundir-se aos primeiros raios de sol.

— O mundo não é um lugar para onde se vai, nem algo que se espera. O mundo é uma lança verde apontada para o infinito.

Oralitura da Abebé: o que a planta não esquece

Lívia Maria da Silva Gonçalves

— Abebé…

— Ô, Abebé…

O canto chega antes de mim. Ele me chama antes que eu consiga lembrar quem sou. Eu escuto. E então respiro, curto, raso, quase não chega. O ar está pouco. Já não sei se sou a última, mas sinto que estou só. O que faço agora?

Procuro em mim o que ainda resta. Chamo o que aprendi com o tempo, com a água, com o barro, com o sol. Nada responde como antes. O ar falha. Então lembro: — Há quem ainda me conheça mesmo quando eu desapareço. Chamo. Não com voz. Com memória.

É quando escuto. Longe ou dentro, não sei:

— Abebé… Ô, Abebé…

É canto. Ainda não conheço essa música, mas me atravessa como raiz que respira dentro da água.

Tento me levantar, não consigo. Estou frágil, cansada, murcha. Muitas mãos passaram por mim. Vieram em grupos, sozinhas, com pressa. Arrancavam partes do meu corpo, levavam. Algumas falavam entre si, outras escreviam. Nunca perguntaram meu nome.

Fui ficando menor. Fui ficando lenta. Fui ficando cheia do que não era meu.

A água mudou primeiro. Perdeu o gosto de começo, ficou pesada. O que entrava em mim não saía. Ficava. Crescia. Subia pelos meus caminhos. Voltava. Se acumulava em silêncio. Meu corpo passou a guardar o que não entendia. Ferro. Cheiro forte. Coisas que queimam sem fogo.

Disseram que era progresso. Mas o que chegou foi peso. E ausência.

As minhas irmãs ao redor começaram a desaparecer. Algumas secaram, outras foram levadas. As que ficaram sentem como eu.

Ainda assim, escuto vozes. Não as que arrancam. Outras. Mais antigas. Elas vêm com cuidado, pisam leve, encostam sem ferir. Cantam.

As comunidades que me conhecem ainda estão aqui. Resistem. Vejo quando passam. Sinto quando choram. Sinto quando enterram seus mortos. Sinto quando se escondem. Porque também estão sendo arrancadas.

Chamam isso de ordem. Denominam isso de lei. Mas aqui, onde minhas raízes tocam, não há lei. Só ausência. Só espera. Só promessa que não volta.

Às vezes chegam outros. Falam alto. Apontam. Prometem caminhos. Depois vão embora. E tudo continua como antes. Ou pior.

O canto volta. Mais perto agora. — Abebé! — Reconheço. Não com a mente. Com o que ainda pulsa em mim. O mato se move. O vento muda de direção. E então sinto: ele chega… Ossaim (*Ọ̀sányin*)[1].

---

1 A planta Abebé (*Hydrocotyle bonariensis* Lam., Araliaceae), associada ao espelho de Oxum, pode ser evocada na leitura simbólica

Não o vejo como os humanos veem. Eu o reconheço como se reconhece água, como se reconhece origem. Ele não chega sozinho.

Quero me erguer, não consigo. Mas algo em mim se abre. Mesmo frágil. Mesmo cheia do que não sou. Tento responder. O som sai baixo, quase não existe, mas sai:

— Ossaim…

O canto não para. Ele me envolve. Não como cura. Como lembrança. E então entendo: — Eu não estou morrendo. Estou esquecida.

Ele se aproxima e então compreende. Eu sinto o reconhecimento antes de qualquer gesto. Ele não me toca, não arranca, não move. Permanece. Há um saber que circula entre nós sem palavra. Se me retirar, eu não sigo. Se me deixar, eu quase não fico. Sou das últimas que ainda respiram assim. Sinto isso nele. Sinto que ele vê o que resta de mim e o que já não pode voltar.

Com ele, Aroni[2], o pequeno, o ágil, o antigo.

---

de folhas em forma de leque, presentes na taxonomia cultural do Candomblé Ketu. Nesse contexto, a forma, o movimento e a relação com a água integram modos próprios de reconhecimento vegetal, articulando cuidado, memória e cosmologia. Sua oralitura se manifesta nas relações que tece com o ambiente e com os seres que a atravessam.

As folhas participam de circuitos de axé que podem envolver o sangue como princípio vital e relacional, compreendido como força que circula entre humanos, plantas, animais e orixás. A presença de Ossaim (Ọ̀sányin) e Aroni situa o conhecimento das folhas em uma dimensão viva, não reduzida à classificação botânica.

2 Aroni é um espírito temido da Religião dos Òrìsàs, guardião da parte mais escura da floresta e guardião dos segredos de Ossain, senhor das ervas e da cura, a quem auxilia em suas atividades. De aspecto

Eles não falam como os humanos falam, mas ainda assim se perguntam:

— Por que a deixaram assim? Por que já não é lembrada? O que aconteceu com aqueles que um dia souberam ouvi-la?

Neste instante, sinto um peso atravessar o mato. Não é o meu. É deles. Os que caminham de pé, os que esqueceram o chão. Eles não deram conta de me guardar. Não deram conta de sustentar o que receberam. E agora me olham sem saber quem sou.

Ossaim não me retira. Ele sabe. Se me levar, eu não continuo. Se me deixar, eu quase desapareço. Então ele faz o que ainda é possível: permanece.

Ele deixa uma lágrima cair naquele rio que um dia fez comunidades felizes e alimentou o mundo da árvore sintetizada que chamaram de capital. E quando a lágrima toca a água, algo em mim responde. Não é força. É o que ainda vive. Aquilo que insistiu em silêncio começa a se mover, sobe devagar, atravessa o que me restou inteiro. O que estava preso encontra passagem. Eu devolvo não como antes, mas como ainda posso.

E o que sai de mim não fica. Segue pela água, pelos caminhos que ainda existem, procura outras, minhas irmãs, as que ainda respiram, as que ainda guardam a resistência na sobrevida. O que vive em mim não é só meu. É maior que o que me adoeceu. E mesmo ferida, eu ainda alcanço.

---

inumano, inspira respeito até mesmo entre os Òrìsàs, e as tradições Nàgó narram que leva quem entra sem rituais corretos para transmitir o conhecimento das folhas, lembrando que a floresta é sagrada e perigosa.

Então o movimento se recolhe. A água sustenta. Ossaim permanece. Aroni, com ele. Nada mais se anuncia. A superfície do rio se aquieta.

E então o sol toca a água. A luz se abre sobre mim.

Por um instante, ainda reflito como leque, como espelho. E depois... Silêncio.

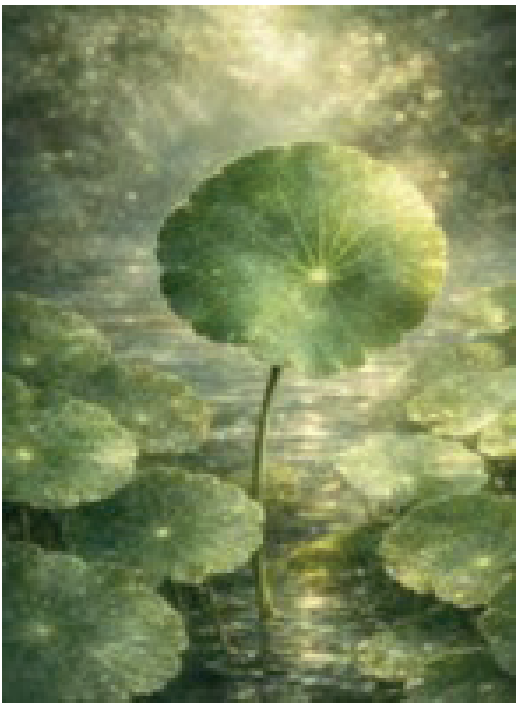


Figura 1 – *Hydrocotyle bonariensis* Lam., Araliaceae.

Confissões de um cacto

Cássia Tatiana da Silva Andrade

Oi. Eu sou uma planta com espinhos. Na verdade, tenho muitos espinhos. Sou pequeno, baixinho, bem troncudo, e vivo em lugares secos, tanto no solo quanto sobre rochas. Me chamam de vários nomes, dependendo de onde estou: cabeça-de-frade, coroa-de-frade, croa-de-frade. Talvez seja pela semelhança da minha forma com a cabeça raspada de um frade franciscano.

Gosto de fixar minhas longas raízes nesses ambientes. Elas são minha forma de sobreviver, pois preciso buscar água onde quase ninguém mais consegue. Essa é uma das minhas estratégias adaptativas para enfrentar a vida em regiões áridas, onde a água é escassa e cada gota é preciosa.

Sou vaidoso, confesso. Acho-me bonito, principalmente quando minhas pequenas flores surgem bem no topo da minha "cabeça", seguidas por delicados frutinhos cor-de-rosa. As pessoas gostam de mim, me levam para enfeitar seus lares, seus jardins e até as tradicionais "lapinhas" no Natal.

Carrego dentro de mim uma grande reserva de água, o que me permite resistir aos longos períodos de seca do sertão. Meus espinhos, que muitos temem, na verdade são folhas modificadas. Eles me protegem e reduzem a perda de água, evitando que eu desidrate sob o sol intenso.

Em alguns lugares também sirvo de alimento. Minha polpa vira doce, licor, sustento para animais e pessoas. Fico

feliz em poder ajudar, em contribuir com a vida de quem precisa… mas confesso que isso também me preocupa.

Em meio às histórias que contam sobre mim, também dizem que posso cuidar. Algumas pessoas acreditam que meu miolo é bom para aliviar a "quentura" na uretra, além de ajudar em cólicas e problemas intestinais: basta preparar uma infusão com açúcar. Outros já me utilizam de outra forma: aproveitam meu cefálio, essa "coroa" que carrego no topo da cabeça, cheia de pelos macios e lanosos, para encher selas, cangalhas e almofadas.

Sou, assim, útil de muitas maneiras. Mas, mais uma vez, tudo depende do cuidado e do respeito com que me tratam. Se me retirarem da natureza sem cuidado, sem consciência, posso desaparecer. Demoro cerca de 20 anos para crescer e atingir minha fase adulta e muitos nem imaginam isso. Às vezes, não sabem. Outras vezes, simplesmente não se importam. E assim, sou levado do lugar onde vivo feliz, ao lado da minha família, para nunca mais voltar.

Você sabe o que isso significa? Posso ser extinto. Mesmo sem estar oficialmente ameaçado hoje, o uso desenfreado pode mudar esse destino.

Mas existe um jeito bonito de convivermos. Você pode me cultivar com carinho, me ter por perto, enfeitar sua casa, seu jardim, deixar as crianças encantadas com meus frutinhos, ou até me colocar no telhado, como dizem, para afastar o "mau-olhado". Assim, seguimos juntos em uma parceria harmoniosa, respeitosa e duradoura.

Sou fácil de cuidar, resiliente, protetor. E, modéstia à parte, bastante bonito.

Se você me respeitar, eu continuo aqui. Firme, silencioso, vivendo, florescendo e contando minha história ao vento do sertão.

Eu sou o andá-açu!

Lin Chau Ming

Sofri um grave acidente, quase morri.

Isso foi há uns meses. Por causa das mudanças climáticas, houve uma semana de chuvas torrenciais, junto com ventos fortíssimos, acho que com mais de 70 km por hora. A região Sudeste sofreu bastante nessa época, com vendavais destrutivos, como não ocorriam há anos. Isso fez com que meu caule não aguentasse essa força da natureza e fui então rachado pelo meio. Na verdade, não foi exatamente no meio, mas mais abaixo, talvez cerca de um metro acima do solo.

Minha copa foi vergando devagarzinho, devagarzinho, até que Claaac! O meu caule bifurcado rachou e tombei no solo, no meio da mini floresta que tinha sido plantada no sítio onde eu vivia.

Aqui valem duas explicações: em geral, minha espécie não apresenta caule bifurcado, e sim, como outras árvores, cresço em um caule único, durante parte de minha vida, vindo a ter ramificações menores depois de algum tempo. Mas bifurquei porque o sítio fica no interior de São Paulo, região onde ocorrem muitas geadas, quase todos os anos e em até três vezes durante o inverno. Então, as partes mais novas de meu caule secam e morrem, e na primavera-verão seguinte

rebrotam mais abaixo, na parte que não morreu com o gelo, dando origem a uma árvore com caule bifurcado, às vezes trifurcado, conforme a regeneração dos meus tecidos. Esses dois ramos do caule regenerados acabaram por se desenvolver nos anos seguintes, dando essa característica de um "Y".

A segunda explicação: eu não estava no meu ambiente natural, mas fui plantado naquele sítio por um agricultor, num sistema agroflorestal, junto com plantas de ciclo curto, outras de ciclo intermediário e com árvores de porte maior, de diferentes estratégias de crescimento. E eu estava nesse meio. Com o passar dos primeiros anos, as plantas anuais não eram mais plantadas, e então minhas companheiras arbóreas se desenvolviam com mais vigor.

E sou obrigado a confessar um detalhe: não era eu quem deveria estar ali no local. Fui confundido por outra planta, parecida comigo. Eu era uma criança ainda quando fui trazido para cá, uma pequena muda com as folhas alternas digitadas, dentro de um saco plástico com terra com bastante matéria orgânica, estava bem alimentado e sadio. Essa semelhança causou a confusão com o amendoim-de--árvore ou castanha-do-maranhão. Acho que fui adotado por engano.

Eu sou o andá-açu. Mas fui criado com todo o carinho pela família que me adotou/cuidou. Não posso reclamar. Proteção quando criança, alimentação orgânica, capinas ao meu redor e regas nas épocas de estiagem, comum por aqui por vários meses ao ano. Assim, fui crescendo e crescendo até me tornar adulto. E começar a frutificar. Um fruto relativamente grande, casca verrugosa, com um caroço, também grande, e duro. Sou até meio diferente das outras primas, da

mesma família que eu, Euphorbiácea, que em geral tem fruto trígono, e o meu não é assim, é meio arredondado, único, sem as separações dos meus parentes.

Conforme minha certidão de nascimento, fui batizado como *Joannesia princeps*, pelo botânico brasileiro José Mariano da Conceição Vellozo, em 1798, um padre que perambulou por diferentes locais do Sudeste do Brasil, em especial no atual estado do Rio de Janeiro, e me descreveu pela primeira vez naquele ano, tendo então a primazia de me batizar, conforme ditam as normas da nomenclatura botânica. Aliás, ele não me batizou, mas sim isso foi com algum outro de minha ascendência mais antiga, dentre os milhares de parentes que viviam nessa região.

O nome foi em homenagem ao Príncipe Dom João VI de Portugal, futuro Rei Dom João VI no Brasil, naquela época de transição política, sendo que *Joannes* significa João em latim, e *princeps*, representa, dentre outros significados latinos, príncipe, principal, chefe, cabeça, o mais distinto, notável, importante, referindo-se também a essa pessoa. Foi uma reverência muito grande eu achei, para o mandatário que viria ao Brasil somente alguns anos mais tarde, em 1808. As palavras em latim, ou termos latinizados, para os nomes científicos das plantas são regra fundamental para o nome ser válido.

Mas é preciso ressaltar que o batismo feito pelo frei Vellozo é posterior ao batismo que os nativos do Brasil, antes da chegada dos portugueses, já davam a essa planta. Como existiam diferentes etnias indígenas na região naquela época, ou ainda a mesma etnia poderia dar mais de um nome para a mesma planta por diferentes motivos, recebi inúme-

ros nomes, e apenas para falar de alguns, e seus significados, consigo citar, no tronco Tupi: *andá* = fruto rijo, noz, amêndoa dura, em virtude das características de meu fruto (tipo drupa, e não cápsula, como a maioria da minha família botânica), e de meu caroço duro que envolve geralmente duas grandes sementes oleosas, sendo corruptela de ñanï = azeite, recebendo então suas variações fonéticas e/ou ortográficas para o sufixo *açu* em Tupi, que significa grande: andá-guaçu, andáassu, andara-assu, andáguaçu, andáz, dentre outros.

As informações que foram obtidas pelos naturalistas e cientistas da época indicaram que os povos indígenas utilizavam o óleo das nossas amêndoas para fins medicinais diversos. Isso foi uma das justificativas para que os portugueses que estiveram por aqui a partir do século XVI e chamaram-nos pelos nomes que souberam dos povos indígenas, mas também por outros nomes, desta vez em português, como coco-de-purga, purga-de-cavalo, por causa do efeito purgativo de nossas amêndoas, e também como cutieira, cutieiro, fruta-de-cutia e fruta-de-arara, por que servíamos como alimento para animais silvestres.

Além disso, possuo madeira leve, que pode ser utilizada para diferentes finalidades, como artesanato, pequenos móveis e outras aplicações industriais e na marcenaria. Já me vi em algumas banquetas rústicas e objetos pequenos de artesanato, achei bem legais e úteis. Achei estranho terem me falado que também usam para celulose, mas acho que isso é pouco provável atualmente, dado o plantio comercial de eucalipto e de pinus em enormes extensões de terra.

Mesmo com algumas dessas observações e uso sobre nós, em épocas recentes fomos quase que sistematicamente

eliminados de nossos ambientes naturais, pelo avanço das atividades agrícolas e pastoris na região. Os poucos parentes vivos estão em alguns remanescentes florestais espalhados pela região e em algumas praças e outros logradouros públicos. Ou em sítios, como eu.

Aliás, não estou sozinho aqui, viemos em três irmãos. Nascemos quase juntos, talvez com diferença de alguns poucos dias. E como sofremos as mesmas geadas, que acabaram matando nossas porções apicais e caule abaixo delas, mas regeneramos, ficamos nós, os irmãos, com características semelhantes, com altura, diâmetro e o formato em "Y" bem parecidos, trigêmeos, poderíamos assim nos considerar.

Dos três, eu era o que ficava mais perto de uma grande paineira, um pouco mais abaixo dela em terreno mediamente declivoso, também plantada na mesma época, mas que cresceu bem mais rápido do que a gente e serviu para o nosso agricultor ter a ideia de construir uma casinha de árvore nela, para que seus netos e outras crianças pudessem se divertir. Vi que ele ficava dias e dias observando a paineira e matutando em como poderia ser a casinha, aos moldes de algumas que vira em revistas ou em *sites*. A paineira possuía quatro galhos, grandes e grossos, que talvez pudessem servir de base e suportar o peso de uma casinha de madeira e mais o peso de algumas crianças dentro dela. Mas preocupava o fato de a paineira ter madeira bem mole, com baixa resistência para a empreitada.

Desistiu da ideia de fazer *uma casinha na árvore*, mas mudou para a ideia de fazer *uma casinha ao lado da árvore*. Como a paineira estava ao lado de um barranco, a casinha ao lado dela teria a parte de trás situada num plano mais

elevado, dando a impressão de estar na parte de cima da árvore, entre seus galhos.

Assim, projetou e realizou a construção da tal casinha, terminando algumas semanas depois. E enquanto estava quase terminando a obra, resolveu fazer um caminho elevado, uma passarela mais estreita, feita de tábuas de eucalipto, começando ao lado da casinha até chegar em mim, a uns 13 metros de distância, fazendo uma espécie de trilha sob o dossel, sustentada por troncos tratados de eucalipto, que também já vira em outros locais, onde as pessoas podiam andar como se estivessem entre as copas das árvores, a uma altura de até uns quatro metros.

Nesse local já tinham sido plantadas muitas árvores nativas, além de algumas frutíferas e árvores que nasceram sozinhas por lá e a maioria já estava grande, dando uma real e verdadeira sensação de estar no meio de uma floresta. Luz, sombra, vento, aromas e frescor, diferentes texturas das plantas, associados com som de bichos e movimento das folhas, um ambiente bem semelhante.

Adicionou ao redor da casinha um conjunto de seis brinquedos para crianças, além de um conjunto de mesa e bancos infantis, de tamanho e altura adequados. Os brinquedos eram: escorregador comum, escorregador de bombeiro, escada de degrau, escada de buraco, painel de escalada e um porão que seria como se fosse uma caverna, diversão na certa, para todas as idades, como pude comprovar depois.

Para dar mais graça ao projeto e ter uma característica única, em volta de mim fez parte da trilha em formato quadrado, com meus dois troncos bifurcados no centro dela e com dois lados opostos com tábuas para sentar e poder

admirar a natureza ao redor, na minha sombra e de outras árvores plantadas no local. Achei bem legal a ideia, e não sofreria nenhum ferimento, nenhum prego seria colocado em mim, ainda bem.

Ouvi o agricultor chamar esse local de "Praça do Andá-açu"; batizou-a em minha homenagem. Que legal! Achei que não merecia tanto.

E foi contemplando a natureza nessa minipraça, que ele teve outra ideia, desta vez que me envolvia. Pensou em fazer uma escada de corda grossa, ao estilo dos antigos navios de pirata, partindo da base da praça até uns 4 a 5 metros acima e nesse ponto, na parte bifurcada, fazer um pequeno descanso, como uma torre de observação mais alta, permitindo ver imagens em outros ângulos e perspectivas.

— Vá em frente! Disse para ele, em pensamento. — Excelente ideia. Posso colaborar segurando bem firme as cordas, garantindo a segurança das crianças que forem subir por elas.

Pena que o vendaval veio antes que ele pudesse começar o projeto. Com muita dor, de verdade, tanto no corpo com as fraturas no meu caule duplo, quanto no coração, por não poder auxiliar no trabalho legal que viria daqui para a frente, me resignei.

Mas não sem antes continuar com o trabalho de recomposição de meu corpo, agora com mais de dez brotações regenerando do caule bifurcado e fazendo renascer no meio da pracinha que também havia sido destruída, a possibilidade de esperançar, de continuar a vida, cumprindo meu papel naquele lugar. Ele vai reconstruir a praça, tenho certeza.

Nós, mangueiras

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

Eu lembro de tudo. E que prazer falar sobre isso. Hoje estou aqui, em uma rua da cidade de Belém, no Pará, em plena Amazônia brasileira. Mas minha história vem de longe — e eu lembro de cada passo que minha espécie deu. Pois eu e todos os meus irmãos somos um só, desde os plantados na Europa, no Caribe e na China até o pessoal espalhado aqui ao meu lado, na chamada "cidade das mangueiras". Tem tanta mangueira aqui em Belém que até o estádio de futebol ganhou nosso nome: Mangueirão.

Nós plantas somos assim: um por todos, todos por um. Meus vasos de seiva são feitos do material de meus ancestrais. Nós de hoje viemos da semente dos de ontem — mas que também são de hoje! Pois é, deve ser difícil para vocês, bichos, entenderem essa parada, ainda mais sendo mamíferos, primatas e humanos — vocês são do time do cada um por si. Tenho uma certa pena de vocês, não vou negar.

Mas vamos à minha história, ou melhor, à nossa história. Surgi no sul da Ásia, mais precisamente numa região que engloba o nordeste da Índia, o norte de Mianmar e Bangladesh. Ali começou o que os humanos chamam de minha "domesticação". Ah, coitados... Bom, o fato é que vocês sempre procuraram meus deliciosos frutos, isso desde milhares

de anos atrás. Os monges budistas levaram meus frutos e, consequentemente, minhas sementes para outras partes da Ásia já nos séculos IV e V a.C. da contagem de tempo de vocês. E ali começou nossa jornada de espalhamento pelo planeta Terra.

Cheguei ao Brasil trazido pelos portugueses no século XVI, vindo de caravela da colônia de Goa, na Índia. Isso em uma primeira entrada, pois vim novamente depois, em 1808, trazido por um figurão de vocês, um tal de D. João VI, que me plantou no Rio de Janeiro, em local que muitos anos mais tarde passou a ser chamado de Morro da Mangueira. Tem até uma escola de samba famosa por lá.

A partir daí, sem falsa modéstia, o Brasil passou a ser meu. Capaz até de eu estar aí na esquina mais próxima de quem está lendo agora. Tem tanta mangueira que chegou a ponto de uma ministra da agricultura, de péssima lembrança, ter dito que duvidava da fome no Brasil, pois era só comer minhas mangas. Vê se pode! Ao invés de fazer o trabalho dela e dar alimento ao povo, jogou a batata quente (foi mal aí, amiga solanácea) para mim. Enfim...

Já em Belém do Pará eu cheguei mais para o final dos anos 1700, de início no Horto Público e depois por toda a cidade, mas nesse caso em particular não vim da Ásia, mas das colônias portuguesas na África. Gostei tanto de Belém que logo estabeleci laços de afeto com o povo e a cidade. A paisagem urbana belenense está tomada pela sombra generosa de meus frondosos galhos e pelos meus frutos saborosos. A real é que sou quase tão querida quanto Nossa Senhora de Nazaré - Ave, Nazinha!

Como estou presente em tantos lugares, é natural que eu e minhas mangas sejamos protagonistas de causos da

cultura popular brasileira. No Nordeste, por exemplo, já ajudei Comadre Fulozinha em pessoa. Antes de ser uma encantada das brabas, a indiazinha estava perdida na floresta, faminta. Então subiu em meus galhos em busca de comida. Acabou caindo e, ao acordar, estava rodeada pelas mangas que sacudi para saciar sua fome. Em gratidão, ela pintou o rosto com tintas da floresta e tornou-se a protetora das árvores, a "mãe da mata". Ah, por falar em causo, não levem a sério esse papinho furado de que manga misturada com leite faz mal. Isso é malandragem que os donos de fazendas inventaram para que seus subordinados não bebessem às escondidas o leite produzido. Pura mesquinharia.

Acabou que eu comecei a falar e nem me apresentei adequadamente. Bom, todos vocês já sabem que eu sou a mangueira, mas faltou a apresentação formal. Os botânicos da ciência eurocentrada me chamam de *Mangifera indica* L. e me classificam na família Anacardiaceae, que também inclui os primos caju, pistache, seriguela e umbu.

Sou uma árvore de grande porte, alcançando até 40 metros de altura — bem maior que o comprimento da baleia-azul: se ferrem aí, bichos! Minha copa é frondosa e pode ser tão larga quanto a própria altura. Quanto à vida, somos árvores muito longevas. Individualmente, posso viver mais de 300 anos. Mas como sou todos os meus irmãos, vou viver enquanto tiver planeta ou até eu evoluir à outra espécie. Geral gosta de meus frutos, ricos em vitaminas A e C, mas a real é que também minha madeira é das boas, sendo usada para fabricação do ukelelê, instrumento musical que lembra o cavaquinho e é tocado em alguns blocos de rua durante o Carnaval. Além disso, minhas folhas são antioxidantes e an-

ti-inflamatórias, minha casca é adstringente, além de servir de corante, e a resina que libero é super aromática.

Ou seja, sou tudo de bom. E ainda sou resistente às pragas. Fungos, besouros e moscas-das-frutas até me fazem umas cosquinhas, mas não passa disso. Eu me amarro em ver as colônias de cigarrinhas-das-frutíferas sobre meus galhos e observar como formigas e vespas tomam conta delas.

Gosto muito de saber que sou uma árvore que alimenta tanto o corpo quanto a imaginação de vocês. Quer seja pelo sabor de minhas mangas, pela sombra refrescante de meus galhos e folhas ou pelas histórias e causos que me cercam, sei que conquistei um lugar especial na cultura e na paisagem brasileira. E do mundo inteiro.

Plantada

Elaine de Lima de Jesus

Ser comunidade e pertencer, ainda que o corpo pareça imóvel.

Nascer de um gesto antigo entre escuro, água e espera.

Dali inaugurar uma presença que não precisa de pressa para ser inteira.

Uma dignidade funda em viver sem fuga, permanecer não como resignação, mas como aliança.

Crescer sem abandonar as raízes, mas aprofundá-la.

Ter seu tempo, nem curto e nem longo.

Ser planta é guardar no corpo uma memória sem escrita. Ter memória em seus descendentes.

Memória da seca que rachou a terra, da água que veio tarde, do fogo que feriu, da poda que interrompeu, da mão que cuidou com delicadeza e da outra que arrancou sem pedir licença.

Existir de forma quase invisível aos olhos apressados, mas sem deixar de cumprir, em profundidade, aquilo que lhe corresponde. Silenciosa fidelidade, a parte que lhe cabe na sustentação da vida.

E talvez, por isso, haja algo de profundamente ético em sua maneira de existir.

A planta não domina o espaço, ela compõe. Não vive apesar dos outros, mas entre outros.

Não viver apenas em si, mas em suas sementes.

Sua solidão aparente é uma ilusão de quem não sabe ver as tramas.

Uma coragem quieta, sem heroísmo, sem anúncio. Coragem de brotar em terra dura. Coragem de florescer sem garantia nenhuma.

Sou o Alecrim e tenho orgulho em ser a alegria

Gemicrê do Nascimento Silva

Eu sou o Alecrim, uma planta que representa a Alegria, por renovar as energias e levando mais foco para o dia das pessoas. Possuo um aroma herbal e refrescante, não só consigo despertar a mente das pessoas, como também apresento as propriedades para mais vitalidade e deixar as pessoas contagiantes, equilibradas, despertando a razão e sua intuição. Sem dúvidas possuo os elementos a mais para o autocuidado, especialmente para momentos nos quais as pessoas precisam de clareza e foco, seja no trabalho ou mesmo nas suas decisões pessoais. Também sou um excelente revitalizador para corpo e mente. Como alecrim, eu sou perfeito! Posso ajudar a manter a concentração e levar a sensação de renovação e bem-estar ao longo do dia para as pessoas que fazem uso das minhas propriedades.

Vou contar um pouco da minha história. Começa com a voz do meu nome: alecrim. Tenho minha origem no árabe "al-iklil". E como sou um arbusto de flores e folhas aromáticas, também sou conhecido cientificamente como *Rosmarinus officinalis*. Olha que chique; é do latim *ros marinus*, o que significa "orvalho do mar", porque tenho como referência o meu aroma refrescante do habitat natural próximo ao Mediterrâneo.

Sou muito valorizado, desde a antiguidade, pelo meu perfume agradável, e sou usado nas culinários e na medicina, amplamente conhecido como a "erva da alegria". Reconhecido por minhas propriedades estimulantes, aromáticas e energéticas, pois elas têm o poder de combater a tristeza, o cansaço mental e de purificar ambientes. Há, posso ser usando também como óleo essencial para estimular os neurotransmissores de bem-estar (dopamina/serotonina), melhorando a concentração, a memória e trazendo vitalidade quando utilizado. Sendo essa planta aromática de folhas finas e perfume marcante, estou presente nos jardins, cozinhas e práticas tradicionais, carregando os significados ligados às memórias, à proteção e à clareza mental. O meu aroma desperta os sentidos e, historicamente, fui associado às purificações e aos fortalecimentos do espírito. Na culinária, adoro ser o tempera dos alimentos; sem dúvidas, simbolicamente, tempero a alma com vigor e lucidez.

Como o alecrim, eu posso convidar à introspecção, à memória e à força interior, para despertar a alegria das pessoas, sendo uma forma de lembrar a importância da leveza. Já a minha cor é de celebração da vida, desenvolvendo oportunidades para equilíbrio simbólico perfeito: enraizando e florescendo; fortalecendo e suavizando. Assim, quem me cultiva não está praticando apenas um ato de jardinagem, mas também um gesto de cuidado para o corpo, mente e espírito. Eu sou um verdadeiro guardião silencioso, que sustenta e orienta.

Ser o alecrim é florescer em cores e delicadezas, simbolizando o contentamento simples, a beleza que brota no cotidiano e a leveza necessária para seguir vivendo com sen-

sibilidade. Onde estou, há sempre um convite à presença, ao sorriso, à contemplação e à leveza.

Além disso, sempre me coloco entre dois polos, como um mediador de sentidos físicos e espirituais. Dessa forma, posso transitar entre o enraizamento e a expansão, entre o cuidado mais profundo e a expressão criativa. Busco despertar a consciência e fortalecer o ser; como a alegria, sou o que inspira leveza, coragem e abertura para novas formas de sentir e aprender. Dessa maneira, formo uma tríade simbólica: raiz, flor e caminho. Sou sempre um convite para cultivar o equilíbrio entre a firmeza e a sensibilidade, entre o saber e o sentir, transformando o cotidiano em um espaço de cuidado, arte e presença.

Vale a pena ressaltar os meus benefícios para a saúde dos humanos; sou rico em propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias. Desde os tempos pretéritos sou muito usado nos chás, com a infusão das minhas folhas, sendo a forma mais comum do consumo medicinal. Entre meus principais benefícios, destacam-se: melhora da digestão; combate da má digestão, azia, refluxo e eliminação de gases. Sou muito utilizado em banhos de assento, reduzindo inflamações; também em banhos de limpezas energéticas e mesmo espirituais.

Posso ajudar no foco e na memória, não é à toa que frequentemente sou chamado de "tônico mental" por auxiliar na concentração e na capacidade de memorização, auxiliando também na saúde respiratória, sendo indicado para o controle de tosse, gripe e crises de asma devido às minhas ações expectorantes. Posso aliviar as dores, auxiliando na redução de dores de cabeça, enxaquecas e processos infla-

matórios em geral até mesmo e especialmente no bem-estar emocional por minhas propriedades que ajudam a combater o desânimo e o nervosismo.

Também tenho cá os meus cuidados e contraindicações, apesar de apropriado para o consumo, eu recomendo que não seja de uso excessivo, especialmente na forma do chá. Devo ser evitado especialmente por gestantes e lactantes. Os epiléticos igualmente, porque posso desencadear crises convulsivas em pessoas predispostas; da mesma forma que as pessoas hipertensas, podendo elevar a pressão arterial quando sou consumido em excesso. Não obstante, na culinária sou um excelente tempero para carnes (especialmente aves e porco), legumes assados, pães e óleos aromatizados.

Para quem desejar me cultivar em casa, pode seguir as recomendações: necessito de sol pleno (pelo menos 4 a 6 horas diárias), tenho preferência por solos bem drenados; devendo deixar a terra secar levemente antes de me regar novamente, evitando encharcamentos. Nos vasos costumo crescer até 60 cm, mas no solo poso ultrapassar 1,5 m de altura.

Então esse é um pouquinho de mim, pois represento a amizade, fidelidade, amor e lembranças felizes. Sou essa planta que remete a alguém que espalha boas vibrações, levando alegrias com meu aroma herbal revigorante, além de representar proteção e coragem. Portanto, sinto-me orgulhoso de ser o alecrim. Espero que deseje me cultivar para aproveitar minha leveza, minha força e minha alegria no sentido mais positivo em sua vida.

Cafeeiro

Anderlei Costa Andrade

Sou uma Coffea, ou melhor, um cafeeiro curioso e meio professor que vive ensinando e contando histórias que já vivi, mas também escuto muitas outras, sempre soltando um "no meu tempo", típico de avó.

Fui plantado em uma encosta para fugir do sol forte, em uma terra vermelha rica em minerais. Gosto de um clima ameno de manhãs frias, dias de chuvisco e fins de tarde de sol morno e aconchegante, daqueles que parecem um abraço apertado de reencontro. Cresço bem devagarinho, com paciência, nada de pressa, porque café bom nasce da calma; é no tempo lento que o sabor se constrói.

Tenho galhos retorcidos que contam histórias das estações em cada nó, trazendo lembranças da chuva, do frio e do sol quente que fazem parte do meu crescimento. Tenho flores branquinhas que aparecem à noite e frutos vermelhos cor de vinho. Quando amadureço, deixo no ar um cheiro doce que faz quem passa dizer: "Vem café bom por aí!". Minhas sementes têm até um leve toque de chocolate, que traz o aconchego como de um fogão a lenha na cozinha em dia de chuva.

Minhas raízes são profundas não só para buscar água, mas para "escutar" a terra. Sou um pé de café conectado ao

ambiente ao redor, atento a cada abelha que passa em busca de matéria-prima para o mel. Minhas folhas verdes escuras brilham no orvalho nos primeiros raios de sol da manhã; prefiro morar no silêncio da altitude e uso do silêncio para amadurecer ideias e também os grãos.

No fim, transformo-me em uma xícara de café bem quente, e sirvo de convite para conversas com amigos ao cair da tarde, fofocas no intervalo do expediente e pensamentos curiosos no meio da madrugada. Sou o conforto nas noites frias e solitárias, um bom amigo em qualquer horário. Tenho cheiro forte e inconfundível, soltando a fumacinha de quem acabou de passar no coador de pano: um pouco amargo, mas sem deixar de ser doce quando é preciso.

A água encontra o pó, o aroma sobe devagar… e a conversa começa.

E você, aceita uma xícara de café?

Erva-cidreira ou melissa?

Lin Chau Ming

Não gosto que me chamem de melissa. Claro que eu não posso ou não deveria me preocupar com o que ou como os outros me chamam. Afinal, cada um tem seus próprios critérios e jeitos para dar os nomes. Faz parte da cultura de cada um, de cada lugar. Confundem-me com uma planta europeia, *Melissa officinalis*. Prefiro meu nome em português, afinal sou brasileira. Tenho, claro, meus irmãos que são argentinos, paraguaios, uruguaios, de quase todos os países da América do Sul, eu creio. São muitos de vários lugares.

Mas eu sou brasileira. Erva-cidreira, conhecida nos meios botânicos como *Lippia alba*. Tem até quem queira reafirmar nossa nacionalidade, colocando nosso sobrenome: erva-cidreira-brasileira. Prefiro o nome mais curto, já diz muito sobre mim. Me batizaram em latim em homenagem a um botânico francês, Augustin Lippi, que no início do século XVIII, foi designado pelo rei Luiz XIV para uma missão no reino da Etiópia e teve um fim trágico, tendo sido assassinado durante sua estadia na África, juntamente com outros integrantes da equipe. E o sobrenome alba, que significa branco em latim, pode ser em alusão à minha pureza, ou ainda por causa da cor de minhas flores, que podem ser

brancas, mas aqui no Brasil somos muito mais frequentemente encontradas com flores lilases.

Sim, sou pequena, daí meu primeiro nome em português, não cresço muito. Às vezes dou uma espichada, mas nada muito além de um metro de altura, e me ramifico muito. E o segundo nome se refere ao meu cheiro, de odor cítrico, mas não exatamente como o da laranja ou limão, mas são cheiros semelhantes, razão pela qual se justifica ser chamada assim.

Isso talvez seja o principal motivo para que eu seja confundida com outras plantas. Além da parente europeia, tem o cidrão, um primo americano maior, mais encorpado, com cheiro bem parecido com o da gente, mas com folhas menores e mais estreita. As minhas são maiores, mais largas, e com o verde mais escuro. Em alguns locais, onde esses parentes não se alimentam bem, não crescem tanto assim, são chamados de cidró ou cidrozinho, um diminutivo bem sonoro também. Nos países ao sul do continente americano, recebe o nome de hierba-luisa, adotado também em alguns países de fala castelhana.

Em outros locais, sou confundida pelo primo distante, o capim-limão, este bem mais famoso em todo o mundo, está em praticamente todos os cantos do planeta divulgando suas características curativas ou mesmo apenas para deixar o ambiente mais gostoso de se respirar. A confusão se dá por causa também do aroma parecido, mas nem todos nós temos o mesmo aroma, alguns somos mais suaves, outros mais rústicos, outros até com cheiro de gasolina, argh!

Nosso primo distante é um capim, e nós não. Temos folhas largas e o primão, folhas estreitas, deveria ser difícil

confundir a gente. Mas o cheiro acaba fazendo isso, porque visual e morfologicamente, somos muito diferentes. E o capim-limão é também chamado de capim-cidreira, ou ainda hierba-luisa, juntando alhos com bugalhos, isto é, juntando um capim (que eu não sou), com cheiro, que é mais ou menos parecido, mas diferente, na minha modesta opinião. Pra complicar, em alguns locais, podemos ser chamadas de toronjil ou ainda melisa, com um "s" apenas.

Assim, a confusão vai aumentando, a cada local que vou sou chamada por nomes diferentes. Mas, definitivamente, não gosto de ser chamada de falsa-erva-cidreira, sendo a "verdadeira", nossa parente europeia *Melissa officinalis*, pois somos plantas verdadeiras, de carne e osso, opss, de caule e folhas.

Tempo atrás estava no Paraná e fui apresentada a um outro primo, também distante, mas vejam só vocês como são as coisas, um capim brasileiro com o cheiro do capim-limão, que não é brasileiro. Tem folhas compridas, bem fininhas e lisinhas, um verde claro quase dourado, como um cabelo liso, levemente ondulado, bonitão. Chamam-no de capim-limão-brasileiro ou ainda capim-limão-da-folha-fina, aliás, nomes bastante adequados, não acham?

Como eu estava falando, tem gente que me dá outros nomes, como eu soube no Nordeste e no Norte do país, por exemplo, cidreira e carmelitana. Os motivos são bem interessantes, devido às minhas características morfológicas, de cheiro e de atividade farmacológica. Deixa eu explicar melhor.

Tamanho e formato das folhas não são atributos físicos imutáveis, elas acabam sendo diferentes por motivos dos locais onde vivem e se alimentam, podendo ser maiores ou

menores, com formatos um pouco variáveis. Hábito também diferem, podendo uns serem mais eretos e outros, decumbentes, com os ramos dobrando-se em arcos mais abertos. Quanto ao cheiro, também são verificadas diferenças nos aromas, as porcentagens de determinado composto no óleo essencial acabam por conferir cheiros próprios. E como cheiros são equivalentes olfativos para os óleos essenciais presentes nas folhas, isso significa que os diferentes óleos podem ter atividades farmacológicas (curativas!) diferentes.

Então, cidreira, que tem folhas maiores, hábito decumbente e cheiro mais forte, é usada para problemas digestivos, enquanto a carmelitana, com folhas menores, hábito mais ereto e cheiro mais suave, é usada para dor de cabeça. Assim, os conhecimentos de uso das plantas vão se diferenciando e se perpetuando ao longo de gerações de famílias nas diferentes localidades brasileiras. Podem ser chamadas de etnovariedades? Ou são etnoespécies? Vamos deixar essa questão ser discutida pelos botânicos humanos, espero que consigam uma decisão adequada, já houve muita discussão sobre isso e ainda não chegaram a um acordo.

Mesmo não gostando que me chamem de melissa, não tenho como mudar esse nome, tenho que respeitar como me chamam, desde que não tenha nenhuma motivação xenofóbica ou discriminatória. Sei que as pessoas do sul do Brasil, e até algumas do sudeste me chamam pelo nome da minha prima europeia. Por simples razão cultural, uma vez que provavelmente foram influenciadas pelos parentes mais antigos que migraram da Europa para essa região do Brasil, trazendo não somente a planta, mas também o nome ou os nomes pelos quais eles a conheciam e comparavam com as parentes

brasileiras encontradas por aqui e que, pela semelhança de formas e aromas, recebiam as mesmas designações.

O mesmo ocorreu com outra parente europeia, sou também chamada de sálvia ou salva, em alusão a *Salvia officinalis*, que tem também, como podem reparar, o sobrenome de *officinalis*, que na tradução do latim significa que tem uso farmacêutico, ou seja, se referindo às suas características medicinais. E mesmo o nome *Salvia*, faz alusão a suas qualidades curativas, de salvar alguém de alguma enfermidade. Ela já era tradicionalmente usada para essas finalidades na Europa, antes de ter vindo às Américas, assim como sua prima *Melissa officinalis.* Reconheço que com a melissa minhas folhas até se parecem um pouco, mas com sálvia, elas são bem diferentes, então a confusão deve estar ligada às características do uso medicinal delas. Soube que os nomes científicos dessas duas parentes europeias foram dados pelo botânico sueco Linneu, em 1753, batizando-as por causa do uso medicinal que ambas já tinham naquela parte do mundo.

A diversidade química da minha espécie está tendo seu valor reconhecido. Embora já tenham sido descritos e estudados diferentes tipos químicos, ou quimiotipos, um nome que os químicos e farmacêuticos deram para plantas da mesma espécie que mantêm suas características químicas após gerações e gerações, ainda não têm merecida a sua importância. Sei que tenho irmãs com concentração de geraniol diferenciada, outras de carvacrol e citral, e outras de limoneno, predominantes em suas composições dos óleos essenciais. Temos na nossa epiderme, muitos tricomas, aqueles pelos mais globosos, principalmente na parte de baixo das

folhas, onde são sintetizados e armazenados esses diferentes tipos de óleos essenciais que nos dão os aromas característicos. Cada qual pode ter uma atividade farmacológica que lhe dê uma utilização específica ou complementando com outros óleos ou mesmo de outras plantas.

Um estudo que me mostraram anos atrás informava que a palavra cidreira (e/ou assemelhadas) era dada para designar mais de 30 espécies de plantas, de várias origens, tanto pelas semelhanças das características morfológicas quanto aromáticas/químicas e de uso farmacológico/terapêutico. Somos em muitos xarás por aqui.

Podem causar mais confusão, mas a diversidade cultural, que sempre admirei, é mais importante, fundamental. Não pode acontecer de novo uma cena que eu presenciei num evento de plantas medicinais num Estado sulista, que vou contar agora.

Estava num vaso grande, ornamentando o local, junto com outras espécies medicinais, perto do palco, e num dos corredores do salão onde eram realizados os trabalhos, no intervalo de uma sessão, vi duas senhoras que discutiam se o meu nome correto seria melissa ou erva-cidreira. Sim, a conversa era sobre mim, então fiquei prestando mais atenção, apurando meus ouvidos. No início, cada uma falava e a outra retrucava, cada uma defendendo seu ponto de vista.

— É melissa!

— Não, é erva-cidreira!

— Não, é melissa!

— É erva-cidreira!

— É melissa!

— Erva-cidreira!

— Melissa!

— Não, é erva-cidreira!

Em poucos segundos, a situação mudou, os ânimos foram se alterando, o clima foi esquentando, esquentando, indo de palavreado com timbre normal, depois foi ficando a muitos decibéis acima, num volume e intensidade crescentes, aos gritos, até que, gesto final, uma delas dá um tapa forte na mesa, gritando a plenos pulmões sua opção nomenclatural, junto com um palavrão, como que querendo impor sua opinião.

Qual foi o nome vencedor? Não sei, não é desse jeito que se convence numa discussão.

Temos que entender que podemos sim ter nomes diferentes. Isso é riqueza cultural, e nomes diferentes não se discutem; se conhecem, são entendidas, e achamos legais... E assim podemos continuar a conversa.

Simbiose

Gilberto Paulino de Araújo

Vivo conectada, interligada a muitas outras semelhantes e a inúmeros seres diferentes de mim. Não como um ponto fixo, mas como parte de um corpo maior, repleto de relações que nos atravessam.

Debaixo da terra, descubro caminhos que não podem ser vistos ou compreendidos pela natureza humana. Ali, eu não sou "eu". Eu sou "nós". Um lugar onde tudo é compartilhado, em que não há escassez de alimentos ou água, onde o solo, em sua plenitude, nos oferta nutrientes, numa lição de cuidado e generosidade.

De maneira semelhante, meus frutos, como oferendas, são distribuídos em abundância para todos aqueles que voam, rastejam ou caminham. E, como numa dança circular, ciclo após ciclo, estação após estação, continuo a me comunicar por meio de minhas flores, em cores e aromas, sem que haja dívida nessa troca, apenas continuidade, de modo que o que parece passageiro se renova, se sustenta e se revela duradouro.

Assim, sob a terra, eu existo, comunico-me por fios invisíveis e silenciosos. Acima dela, estou em sintonia com o vento, banhada pelas chuvas, tocando e trocando recados que florescem, frutificam e fazem com que o mundo ao meu

redor nunca seja igual: a todo momento tudo se transforma, se fortalece — uma rede, um tecido vivo.

Em algum momento da história, quando surgiram as ferramentas, as chaminés e as máquinas, eu descobri o sofrimento. E, quando sofro, todas as outras sentem o mesmo. Sempre foi assim: quando uma precisa, todas nós respondemos. Porque viver, para nós, nunca foi existir de forma isolada.

Infelizmente, hoje, não consigo mais escutar, minhas raízes parecem não estar mais interligadas e meus galhos parecem não tocar nenhuma outra que se assemelhe a mim. Tudo é um grande vazio.

Vejo, dia após dia, minhas irmãs caírem. Cada uma delas é mais do que se consegue enxergar. São histórias e memórias inteiras que tombam, derrubadas e fragmentadas pela mão humana. Em cada queda, a linguagem se parte, a conexão se desfaz, o silêncio cresce e a ausência passa a ocupar o espaço, tomando o lugar da vida que existia. Sinto o silêncio crescer, a escuta ser desfeita, e novas palavras passam a acompanhar o vazio: corte, área, produção, desenvolvimento, lucro...vazio.

Em alguns lugares, vejo uma imensidão de raízes retorcidas, solo desnudo e regado a veneno... Em outros, surgem cidades, asfalto, concreto armado e erguido, juntamente com o esquecimento, linha por linha entrecruzada por aço e cimento.

Mesmo assim, permaneço — não por força, mas por resiliência, persistência, por me lembrar de que, nas camadas mais profundas, ainda sou raiz.

Goiaba, goiabada e goiabeira: gostosuras, traquinagem e castigo

Lin Chau Ming

Muita gente pensa que eu sou nativa do Brasil. Estou em todos os lugares, no Norte, Nordeste, Sudeste, em todas as regiões. É possível me encontrar em áreas abertas, no meio de pastagens, em qualquer beira de estrada rural, ou plantada em quintais ou nas calçadas das cidades também. Eu me espalho com muita facilidade. Sou um atrativo para pássaros e animais que me consomem e rapidamente minhas sementes são levadas para bem longe, no meio das fezes, e acabam germinando bastante, pois são bem resistentes, nascendo muitas outras de minhas irmãs.

Além dos animais silvestres, também fui levada para outros locais pelas populações humanas que habitaram as Américas, milhares de anos atrás, não sei exatamente quantos. E meus ancestrais tiveram uma adaptabilidade bastante grande nos diversos ambientes para onde foram levados, então acabei me tornando quase que "nativa" desses locais, ou ainda, melhor dizendo, eu me tornei naturalizada.

Mas como saber com certeza de qual região geográfica eu sou originária? Ainda não existem muitos estudos arqueológicos, e os existentes indicam que minha origem é americana, provavelmente da região da América Central e

parte Sul da atual América do Norte. E fui indo para o Sul através desse processo de transporte via humanos ou animais. Certamente os habitantes humanos que experimentaram meus frutos pela primeira vez, coletando-os nas florestas, acharam-nos muito saborosos, continuando o consumo por muitos anos depois, e com o tempo, fomos levadas para outros locais do continente.

Alguns estudos mostram que meus ancestrais talvez tenham sido domesticados na Amazônia, mas eu pessoalmente creio que isso aconteceu na região onde hoje é o México e América Central, mas não sou arqueóloga para poder afirmar isso com certeza. Baseio-me em estudos feitos a partir de documentos históricos escritos de botânicos europeus que vieram às Américas a partir do século XV.

O mais importante, penso eu, é o livro que o famoso botânico sueco, Lineu, escreveu em 1753, chamado "Species Plantarum". Nele, Lineu nos batiza como *Psidium guajava*, e esses nomes significam *Psidium,* uma latinização do termo grego *psidion*, que significa fruto semelhante à romã, com muitas sementes, ou ainda significa morder, em referência ao sabor agradável dos frutos, e *guajava* se refere ao nome dado pelos nativos locais (pré-colombianos), e no livro ele indicava como sendo o habitat de nossos antepassados, "India", ou seja, as Índias Ocidentais, as Américas encontradas no final do século XV pelos espanhóis. Posteriormente, os espanhóis adotaram o nome local, com ligeira alteração, *guayaba*, nome esse usado atualmente pelos países de língua castelhana, numa adaptação fonética, e que foi aportuguesado para goiaba, numa corruptela bastante simples, para os países lusófonos.

Além disso, há outro documento histórico, desta vez um documento pictográfico, um painel feito pelo pintor Diego Rivera, que se encontra numa parede no prédio do Palácio Nacional do México, localizado na Praça Zócalo, ou a Praça da Constituição, em sua capital, mostrando as plantas que o México deu ao mundo, incluindo o tradicional e inigualável milho, além do abacate, tomate, cacau e a goiaba. Mesmo não tendo um rigor científico, é um documento importante para o conhecimento e discussão da origem e domesticação das plantas alimentícias.

Tendo sido levada para diferentes locais do mundo, a partir dos espanhóis e depois por outros exploradores europeus, fomos nos adaptando a esses locais e também sofrendo processos de domesticação pelos humanos, e neles, nossos ancestrais foram sendo modificados em seus formatos, tamanhos, cores, aromas e sabores. Há uma irmã nossa, asiática, que é enorme, muito grande, arredondada, e que tem uma parte comestível, a polpa, fora as sementes, bastante desenvolvida e de cor branca, então tem bastante valor comercial. E nossas irmãs brasileiras, mais crioulas, com frutos pequenos e polpa avermelhada. Conheci outras irmãs, com frutos na forma de pera, e outras com polpa alaranjada ou ainda arroxeada, bem diferentes.

Nossa família, Mirtácea, é muito numerosa e ocorre em duas regiões do globo terrestre, as Américas e a região da Austrália. Fomos separadas há milhões de anos, quando ainda éramos unidas pelo grande continente de Gondwana. Após a separação, cada grupo desenvolveu algumas características diferentes, como a disposição das folhas no ramo. No grupo americano, temos folhas opostas e no grupo aus-

traliano, as folhas são alternas na fase adulta, na fase juvenil são opostas. E no grupo americano, nossas porções mais jovens do caule são na forma tetragonal, enquanto no outro grupo, são arredondadas. Os frutos no primeiro grupo são do tipo baga, fruto carnoso, indeiscente, e do segundo grupo, tipo pixídeo, fruto seco deiscente.

Mas outras características se mantiveram, como o ovário ínfero ou semi-ínfero e um grande número de estames. Muitos de nós têm a casca dos troncos destacando-se em lâminas, característica esta que gerou uma designação botânica geral para muitas árvores, mesmo de outras famílias botânicas, mas que têm "casca parecida com a goiabeira". Isso deixa a gente um tanto envaidecida.

A similaridade morfológica dos meus frutos fez com que outras plantas da mesma família, do mesmo gênero ou de outro, recebessem o meu primeiro nome, goiaba, acrescido por sobrenome diferente, como a goiaba-do-mato, goiaba-do-cerrado (*Psidium guyanensis*) e a goiaba-serrana (*Acca sellowiana*) e mesmo de outras famílias, como a goiaba-de-anta (*Bellucia dichotoma*, família Melastomatácea).

Mesmo os parentes do mesmo gênero recebem outros nomes, como araçá e assemelhados (*Psidium cattleianum* e outros), estes já relacionados com o nome nativo no tronco linguístico Tupi no Brasil, que significa "fruto que tem olhos", ou "planta que tem olhos", em referência às sépalas persistentes na base do fruto, o que se assemelha a esse órgão, pequenos olhos, ou cílios. Não é preciso ter muita imaginação para concordar com isso.

Essas diferenças também se refletem na forma como somos consumidas por aí. Aqui no Brasil, o consumo mais

comum é na forma de comer nossa fruta fresca, com casca mesmo, que é bem fininha, e engolindo nossas sementes, um tanto duras, mas que não vão complicar o consumo pelos humanos. Como somos muito atrativas para animais, somos também atacadas por insetos, que nos depositam ovos e estes logo se desenvolvem, formando o que eles chamam não tão carinhosamente, de bicho da goiaba, pois muitas pessoas acabam tendo muito nojo ao verem esses bichinhos dentro de nossos frutos, rejeitando-nos.

Muita gente também faz as geleias, geralmente na proporção 1x1 de polpa batida e açúcar, ou diferente proporção, conforme o gosto de cada um, e posteriormente nossa polpa é levada ao fogo até ficar mais consistente e deixada resfriar para ser consumida. Também fornecemos a famosa goiabada cascão, uma delícia feita por famílias de agricultores há muitos anos, não sabemos exatamente quem foi o autor ou autora dessa iguaria. Uma pequena alteração na receita, com a adição de pedaços da fruta, sem as sementes, faz uma boa diferença no ato de consumir o doce, na sua consistência no ato de mastigar, e esta tem a receita, que talvez seja a original, de vir sem os pedaços da fruta. Ambas são igualmente deliciosas.

Em outros lugares, somos substitutos ou adjuvantes do molho de tomate, dada nossa cor avermelhada depois de cozida, e sabor agridoce. Numa versão mais "moderna", industrializada, inventaram um "ketchup" à base de nossos frutos, talvez seja uma versão americana, para ser usada nos "hot-dogs". E versões mais simples na forma de consumo são os sucos e os sorvetes, encontrados principalmente em países tropicais.

Temos também outras utilidades. Em muitos locais no Brasil as pessoas coletam e usam nossas gemas apicais, ou olhos, ou ainda grelos, para tratar problemas estomacais. Alguns pegam três brotos e mastigam devagarinho, deixando por um tempo num canto da boca. Outros pegam quantidade maior, acho que depende do tamanho da dor de barriga. Chá da nossa casca também tem a mesma finalidade, provavelmente pela presença do tanino, associado com outros compostos existentes nela.

Também somos procuradas pelas crianças. Elas chegam perto da gente para buscar forquilhas, de tamanhos variados, para fazer estilingues, que ainda têm outros nomes, como atiradeira, baladeira, bodoque, funda, setra e badoque, conforme a cultura regional.

Que criança que nunca fez isso, pedindo aos pais, ou ela mesma, subindo na goiabeira à procura de uma forquilha bem certinha e serrando no tamanho adequado para suas mãos e depois atando um elástico no comprimento de acordo com o tamanho do braço, para ser esticado e atirar algum objeto, com força e à longa distância? Nossa madeira é bem flexível, não se quebra facilmente e serve perfeitamente para esse uso.

Mas a criançada toda foge da gente quando seus pais correm em sua direção com varas finas de nossos ramos para dar castigo por conta de alguma traquinagem feita, imitando o uso de uma parente bem distante, de outra família, a vara de marmelo.

Traquinagem e castigo, em diversos lugares resultam em um mesmo ato (pelo menos era assim antigamente), mas com plantas diferentes, ambas flexíveis, e eficazes para o mesmo objetivo. Tenha um galho às mãos, ou fuja dele.

Sou a árvore que deu nome ao chão que você pisa

Jônatas dos Santos de Souza

Sinto o chão de Itamaraju vibrar sob minhas sapopemas, as raízes tabulares que me sustentam e me conectam à terra da Bahia há seis séculos. Sou um sobrevivente. Antes mesmo de esta terra ser chamada de Brasil, eu já era *Ibirapitanga* — a madeira vermelha — e tenho que te contar minha história.

Protegida, assim fui me formando; senti o sol esquentando minha mãe e aquele fruto de casca espinhenta que me envolvia, aquele momento foi assustador, como uma explosão: do alto fui lançada pela abertura espontânea do fruto, caindo 37 metros sobre a serrapilheira da Mata Atlântica. Semente em dormência, senti o frio da noite e a umidade que me proporcionou o necessário para em dois dias, apenas dois dias, serem o suficiente para eu fincar minha primeira raiz, há poucos metros de distância de minha mãe.

Cresci no encontro do sol forte com o solo rico da Mata Atlântica. Em sete dias minhas primeiras folhas foram formadas e eu respirava aquele ar puro. No início, eu era apenas um broto frágil buscando a luz, crescendo lentamente, milímetro por milímetro, esperando um dia ser uma gigante. Vi o tempo passar de uma forma que os homens não compreendem; minhas primeiras flores chegaram, amare-

las, tímida, mas perfumaram o ar de outubro a novembro, junto com as da minha mãe e irmãs, ano após ano, enquanto meu tronco se tornava pesado, duro e compacto, lar para todo tipo de pássaro.

Quando comecei a sentir o vento que passava livremente por cima dos arbustos, agora mais baixos que eu, mesmo sendo ainda a menor entre minhas irmãs e perto da imponente mãe que nos gerou. Lembro-me do som dos machados. Vi minhas irmãs serem levados, senti as gotas do seu sangue se espalhar pela terra, senti minha mãe indo para o chão e junto com ela tantas outras para tingir tecidos de realeza e para serem moldados como arcos de violinos em terras distantes. Por muito tempo, ser "madeira de lei" foi sentença de morte. Ouvi um grito que ecoava no vazio da clareira desmatada:

— "Deixa a menor, não vale o trabalho".

O silêncio da floresta foi substituído por novos ruídos com o passar dos séculos. Daqui eu senti de longe os humanos se desenvolverem. O vento trazia novos componentes, o cheiro de madeira queimada era frequente, o calor que emanava e vinha nas correntes de ar refletia as mudanças. O calçamento, o asfalto tentaram cercar meu domínio e o desenvolvimento urbano trouxe o calor do concreto. Vi a floresta diminuir, tornando-se fragmentos. Alguns de nós resistiam, floresciam, frutificavam, nasciam e cresciam, não na mesma velocidade, não com a mesma vontade, não com a mesma energia, mas resistíamos. Minhas rugas, que hoje cobrem meus 40 metros de altura, contam histórias de dor.

Muitos de nós pereceram, mas eu permaneci firme. Minhas raízes, embora fortes o suficiente para segurar meus

mais de sete metros de diâmetro, sempre foram gentis com o solo — não sou agressiva, não derrubo outras árvores, nem lhes roubo os espaços, não destruiria nem suas calçadas, não invado o que o homem constrói. Sou uma sentinela que observa o crescimento das cidades com o receio de quem já viu o fogo e o corte, mas que mantém a dignidade de quem é o símbolo vivo de uma nação.

Hoje, sou um gigante entre os meus. Vi minhas filhas crescerem e ocupar um grande espaço dentro destas matas. Vi milagrosamente algumas se tornarem gigantes. Ocupo o assentamento Pau-Brasil como um monumento da resistência. Em 2004, recebi o triste título de espécie ameaçada, mas esse mesmo título tornou-se meu escudo. A lei agora me protege e os moradores deste lugar me olham com o respeito que se deve a um ancestral, quase como uma divindade. Meu sangue vermelho corre sem ameaças por dentro de minha casca grossa, resistente a insetos e fungos. Hoje sou nutrida pelo cuidado daqueles que entenderam que eu sou o passado e o futuro.

Do alto da minha copa, onde o sol bate primeiro, eu consigo ver além das cicatrizes do desmatamento. Olho para baixo e vejo minhas filhas florescerem. Elas estão espalhadas pela área protegida, pequenas, verdes e cheias de vida. Elas crescem devagar, como eu, mas crescem com uma promessa que eu não tive: a de que a preservação agora é o caminho.

Sinto os pássaros, o vento, o calor livre do sol, o esfriar da noite como a da minha primeira raiz, o nascer de cada folha e a certeza de que as folhas que caem sempre cumprem a missão de nutrir a terra para meus descendentes; me

divirto com cada lançar de novas sementes e sinto uma brisa de esperança. Apesar dos perigos que enfrentei nos últimos 600 anos, percebo que não estou mais sozinha. Enquanto houver luz solar e consciência humana, nós *Paubrasilia echinata* continuaremos a tingir a história desta terra, não com o nosso sangue, mas com o amarelo vibrante de nossas flores. "Sou a memória viva de um povo; sou a árvore que deu nome ao chão que você pisa. E, do alto, garanto: ainda temos muito tempo para florescer."

Em homenagem a maior árvore de Pau-brasil de nosso território, localizada na cidade de Itamarajú, na Bahia, que a consciência humana se eleve e entenda que somos todos um.

Reflexões de sua Majestade, Rei Abacaxi II

Ari de Freitas Hidalgo

— O que é que eu sou?
— O que é que eu sou?
— O que é que eu sou?
— Sois Rei!
— Sois Rei!
— Sois Rei!

Eu lembro até hoje de meu pai, Rei Abacaxi I, assistindo a um programa humorístico dos anos 1980, em que um reizinho perguntava aos súditos, repetidamente, se ele era o rei, ao que os súditos aclamavam positiva e enfaticamente. Meu pai gargalhava e falava com a televisão, respondendo 'sim' a cada vez que os súditos o aclamavam, orgulhoso por ser ele, de fato e de direito, o legítimo rei. E não era rei de um distante e imaginário país em programa de humor, mas de ter sido coroado na origem como o rei das frutas, com direito a manto simétrico e coroa perpétua e com design espiralado.

Hoje, sucessor de meu pai como Abacaxi-Rei e com acesso à internet, vejo muitas frutas sendo designadas, equivocadamente, é claro, como rei das frutas. Reconheço as delícias de muitas delas, seu aroma e seu sabor (ou, para enfeitar o conceito, seu 'flavor'), mas não há como comparar. E nem me desculpo pela falta de modéstia, pois não há

argumento a refutar a majestade da estirpe do tropicalíssimo reinado do abacaxi e sua ascendência sobre os demais (e forçados) pretendentes. E se é por fatos, vamos a eles.

Em primeiro lugar, qual dos pretensos candidatos à realeza vegetal já vem coroado de origem? Quem deles é multiplicidade em um só? Quem dispensa exército ou guarda pessoal por já ter sua defesa própria? Qual deles surge, meristematicamente, no topo, amado e protegido, por um séquito de súditos fotossintetizantes que o circundam, armados para defendê-lo de quem o tente alcançar? Quem dos concorrentes deixa designados e prontos descendentes diretos à sua sucessão, em escala hierárquica? Qual consegue deixar herdeiros geneticamente iguais a si ao ser sucedido, mantendo a qualidade da linhagem? Há mais argumentos, mas por ora deixemos estes para que, se for possível, dar chance de contra-argumentação a quem pretenda discutir minha realeza.



Figura 1 – Abacaxi II. Ilustração: Eduardo Hidalgo.

Há por aí uma tal de durian[1], que a internet insiste em denominar 'rei das frutas'. Não vou perder tempo discutindo, mas faço apenas uma pergunta: quem, em sã consciência mental, gustativa e olfativa, há de preterir um fruto saboroso, suculento, perfumado, de múltiplo uso, alimento funcional, com uso medicinal e ornamental, por um fruto de casca dura e áspera, odor horroroso e que é proibido de ser consumido em bares, restaurantes, em transporte público, hotéis ou qualquer lugar que reúna outras pessoas além do (in)feliz que se propõe a consumir o pretenso rei? Eu sou um rei apreciado e partilhado em grupo, sempre com referências elogiosas, enquanto o 'outro' é forçosamente consumido solitária e isoladamente, e sem que o coitado do consumidor possa aspirar o odor nauseabundo exalado (agora peguei pesado no idioma pátrio, rs rs rs).

A minha linhagem é variada, com formatos, sabores e acidez diversos, servindo para, desde o consumo *in natura* (amplamente aceito e desejado por adultos e crianças, perfumando o paladar), na forma de cremes, geleias, bolos, mousses, sucos, coquetéis, licores, doces, desidratado, em conserva e, até numa variação saborosa, assado na brasa, salpicado com canela em pó e servido sem discriminação como acompanhamento de churrasco em família e em restaurantes finos. Não faço nenhum tipo de discriminação e ainda acrescento a isso o meu uso medicinal, na forma de suco digestivo e xarope para tosse e com ação expectorante. Desafio os concorrentes a apresentar seus usos em qualidade e diversidade, mostrando cuidados com seus súditos.

---

1 *Durio zibethinus* Linnaeus (Malvaceae).

A Mãe Natureza, rainha universal, me brindou ainda, além da realeza, com sabor, cor e aroma únicos, com ampla variedade de nutrientes, dentre os quais a vitamina C e substâncias antioxidantes. Popularmente sou usado como anti-inflamatório, cicatrizante e para melhorar as dores das articulações. Meu suco é usado para amaciar carnes e, comigo, carne de pescoço vira filé mignon, graças à bromelina, enzima que corre em meu sistema vascular e quebra as proteínas, amaciando carnes duras, facilitando a digestão, minimizando o mal-estar causado pela sensação de estufamento. O adolescente pode usar para reduzir e prevenir acnes e os adultos para melhorar a consistência e firmeza da pele, dispensando o botox e outras peripécias da, por vezes, desarmonização facial. E ainda carrego a fama de adocicar determinado fluido humano para 'aquelas horas' (he he he).

Um funguinho sem-vergonha, tal de *Fusarium*, anda perturbando minha saúde e a renda e lucro que quem cuida de mim, mas nada que um bom banho e cal e cobre não resolva, além de me nutrir. Um bando de insetos e ácaros anda me tirando do sério, me deixando fraquinho, mas para todos já há tratamento e, assim, chego às prateleiras com toda a minha majestade.

Meus avós se preveniam de ataque de herbívoros com cristais de oxalato de cálcio, o qual desestimulava o meu consumo, me protegendo. Aí chega o homem e resolve que deve me 'melhorar' e retira de mim grande parte do oxalato, além das serrinhas das minhas folhas, me deixando mais suculento e exposto a predadores, ao que tenta resolver me dando banho de coisas ruins para a natureza, chamando de 'defensivos'.

É um espetáculo me ver, e aos meus irmãos clonados, espraiando ao sol, sorvendo e guardando estrategicamente as gotas da chuva que me hidrata, sem me encharcar, pois minha camada cerosa evita que isso aconteça. Me nutro da luz e, ao contrário dos primos C3 e C4, inverto meu turno de trabalho, fazendo parte da fotossíntese durante a noite, evitando perder água preciosa durante o dia, vicejando feliz onde muitos pereceriam. Ao florescer, a Mãe Natureza se mostra em todo o seu esplendor através do meu conjunto harmônico e suculento, com flores lindas e de cores suaves, unidas na origem e assim se mantendo após o desenvolvimento de meus frutilhos bacáceos, suculentos e que guardarão meu incomparável sabor para os momentos finais, quando, já coroado, a realeza em mim se manifesta e retribuo fazendo o mundo mais alegre, gostoso e saudável.

Há muito tempo já sou cidadão do mundo e reino em vários continentes. E olha que nem uso marketing. Minha majestade é reconhecida por onde passo e não vejo concorrência no horizonte, nem pelo retrovisor, apesar das apelações da concorrência e dos boatos de internet. E agora, com o primo *Turiaçu Amazonas* ganhando destaque nacional pela sua baixa acidez, extrema doçura, aroma e cor, sou patrimônio cultural de natureza imaterial do Amazonas. Não dá para concorrer!

Portanto, parafraseando o poeta de branco, por decreto irrevogável fica estabelecido que eu, Abacaxi II, sou o rei de todas as frutas. Dê-se ciência e publique-se!

Aurora Arboreal

Hertz Wendell de Camargo

Quando brotamos, a minha espécie já nasce sabendo de tudo. É muita inocência de quem acha que a história de uma árvore pode ser medida pelos anéis de um tronco. Um tronco tragicamente cortado ao meio em nome da ciência, da arte moveleira ou da urgência em aquecimento — queimando até as cinzas — o animal que inventou tudo isso, o *sapiens*. Nossas lembranças remontam tempos imemoriais, estão inscritas em cada folha, galho, pólen, casca, em cada radícula e semente... está tudo lá, nas encruzilhadas de nosso genoma.

Nosso gênero surgiu há uns 250 milhões de anos, no período Triássico-Jurássico. Viemos da Oceania, migrando via Antártida na época que os continentes ainda não tinham se separado. Você tem noção de quanto tempo é isso? Fósseis no Nordeste brasileiro indicam nossa presença primitiva diversificada, mas hoje estamos restritas ao Sul do Brasil. Mas temos *hermanas* na Argentina e Paraguai. "Restritas" é uma palavra bonita. Na verdade, estamos praticamente extintas. Dizimadas em 97% da nossa população, ceifadas pelo *sapiens*. Não se trata do mesmo animal que conhecemos há 15 mil anos, os povos originários. Eles sempre nos respeitaram. Por todo esse tempo sentíamos que nós e eles

éramos filhos da mesma mãe, a Natureza. Havia integração, mutualismo, uma época que entregávamos alimento, sombra, oxigênio enquanto eles ajudavam na nossa dispersão. Foi uma boa parceria até surgir outra raça desses animais. Branca, violenta, exploradora, geradora de pastos e de monocultura. Nos últimos 500 anos, no tempo médio da vida de um indivíduo de nossa espécie, enfrentamos o desmatamento contínuo para expansão agrícola, pecuária e urbana, combinado com exploração madeireira intensa. Foi assim que chegamos onde estamos, os agonizantes 3% de nossa irmandade.

Coincidentemente, hoje é meu aniversário. Completo um século de vida. Para os padrões da minha espécie sou uma jovem adulta. E, claro, me lembro desde o dia em que cheguei nesse mesmo terreno onde me encontro — um platô ondulante, de onde pude ver nascer a cidade ao meu redor e como sei de tudo, sei que vivo na região norte do Paraná. Aqui a terra vermelha, basáltica, parece um tapete sangrento sob o céu azul, entremeada por veios de riachos que sussurram segredos ancestrais nas dobras erodidas das coxilhas. No passado, quando comecei a buscar o céu, o tronco a esticar e a minha copa em candelabro a ficar de braços abertos para a vida, pude apreciar o horizonte daqui de cima, os muitos amanheceres, pores-do-sol, crepúsculos e noites enluaradas. Dias quentes e frios, secos e úmidos, raios, trovões, estação após estação traçando a esquizofrenia da vida. Em ciclos, dia após dia, ano após ano. Com o tempo, os pequenos e dispersos pontos de luz de lá debaixo se acumularam. As poucas propriedades se transformaram em vilarejos, bairros, cidade. Eu, crescendo a cada ano, do alto

do platô tinha a sensação de ser a responsável pela cidade, uma zeladora, desde sua fundação em 1934.

Os sons da mata atlântica foram trocados por buzinas, motores e sirenes. Não é fácil viver por aqui, as temperaturas sempre oscilam para cima, mas a cidade tem um certo nevoeiro e a chamaram de Londrina, porque lembrava o clima da capital britânica. Cheguei aqui antes da fundação da cidade. Gosto da terra vermelha porque me ajudou a desenvolver rápido. Ainda me lembro do fazendeiro que acabara de chegar de Curitiba e me trouxera num saco de estopa. Eu era apenas um pinhão no meio de tantos outros. Ele pretendia assar todos os pinhões. Acendeu a lenha, posicionou o tacho sobre o fogo, quando ele deixou o saco no quintal, debaixo de uma jabuticabeira, para buscar alguma coisa dentro da casa. Dentro do saco estava escuro, todos os pinhões tensos, sabiam que era o fim, até que ouço alguma coisa rasgar a estopa, enfiar o nariz para dentro e, como uma loteria, fui a sorteada. Alguém escolheu outro destino para mim.

Na boca úmida e quente da cotia, eu era um pinhão vulnerável, rolando entre seus dentes afiados que exalam o cheiro terroso de raízes remexidas, enquanto o mundo balança em um trote frenético. Pude conferir cada ponto da corrida, era uma viagem entre currais, hortas, plantações e, logo rompendo os limites da fazenda, surge a mata. Quando ela parava, imóvel, para ouvir se estava sendo seguida por predadores, pude ver através das fendas da sua boca fragmentos da mata atlântica. Era como um sonho febril e primordial, um dossel entrelaçado, onde lianas pendem como serpentes sonolentas e o ar está carregado de um perfume

doce de decomposição e flores que se abrem em segredo. Folhas dançam em camadas infinitas, filtrando raios de sol em lanças douradas que trespassam a penumbra úmida, revelando troncos colossais cobertos de musgo, bromélias e orquídeas, enquanto o chão — um tapete vivo de folhas apodrecidas, fetos rasteiros e frutos caídos — pulsa com os passos de insetos e o eco distante de macacos, um caos verde e eterno que vislumbrei até meu destino.

Uma riqueza até chegar no ponto mais alto do terreno, em um lugar com poucas árvores e pouca vegetação rateira. O animal me prendia entre os dentes, murmurando uma canção aleatória, mas de felicidade. A cotia chegou neste mesmo lugar, fez um buraco raso no chão da mata. E antes de me enterrar, olhou atentamente ao redor, tentando memorizar cada pedra e árvore, ela dava todos os sinais de que voltaria para me devorar. O meu provável algoz seria minha heroína? Ela se foi. Nunca mais voltou. Certamente se esqueceu de onde me enterrou ou alguma coisa aconteceu com ela na esquizofrenia da vida. O fato é que isso me ajudou a brotar e aqui estou, contando essa história para você.

Mas o progresso dos *sapiens* me trouxe outras experiências. O que era um platô ondulante de morros suaves livres, agora se transformou na região mais alta de Londrina, onde um bairro nobre brotou como ervas invasoras sobre minhas raízes, e condomínios de concreto e vidro se ergueram como sentinelas modernas ao meu redor. Fui poupada — talvez por lei ambiental ou por um capricho poético de algum arquiteto que viu em mim uma relíquia viva — deixada intocada no coração de um condomínio de vários andares, araucária solitária preservada como monumento verde em

meio ao paisagismo de natureza esteticamente controlada. Minha visão do horizonte vasto, dos pores-do-sol flamejantes que tingiam o céu de âmbar e púrpura, foi selada por essas torres gigantescas. Agora, minha copa, elevada ao longo de um século, se entrelaça na altura das janelas dos andares médios, participando da vida íntima dos moradores como uma *voyeur* lenhosa e silenciosa, mas ciente de tudo ao seu redor.

De minhas agulhas espinhosas, penduradas como cortinas naturais, espio os segredos dos atuais moradores. No terceiro andar, uma mulher murmura uma canção sentada na sala, consigo ver lágrimas escorrendo enquanto segura o retrato do esposo falecido num acidente. No quinto, um casal dança lento todas as noites de sábado, envinhados, sob luz amarela da sala de jantar e fazem amor até o domingo amanhecer. Também já vi brigas, agressões, palavras que ferem entre as famílias. Brigas sussurradas, risos soltos, o aroma de café misturando-se ao meu aroma de resina fresca. Minha casca grossa absorve os ecos de discussões acaloradas, amores clandestinos atrás de cortinas semiabertas, crianças pressionando narizes contra o vidro para me tocar com dedos curiosos. Eu, que sei de infidelidades no sétimo andar, de solidões noturnas no décimo, de sonhos frustrados no quarto. Os pardais pousam em meus galhos para farejar migalhas de pão caídas nas varandas. E o saruê rasteja nas sombras do jardim central, mas sou eu, a araucária, o coração pulsante desse microcosmo humano. Trocaram meu céu pela sinfonia privada de vidas entrelaçadas às minhas sensações.

Hoje acordei diferente. Depois de 100 anos de raízes cravadas nessa terra vermelha, sinto um pulsar novo e profun-

do em minhas veias lenhosas — um tremor sutil que sobe do tronco largo e musguento, se espalhando até cada galho da minha copa. Só consigo explicar como sendo um sentimento ancestral. Aqui, neste platô onde o desmatamento ceifou a mata e os prédios se ergueram como árvores, nunca brotou outra araucária para me fazer companhia. É um século de solidão estéril, intocada pelo pólen de um macho distante, sem produzir um único pinhão viável em meus estróbilos, sempre vazios e chochos, todos os anos. Passei os dias condenada à esterilidade por essa cidade órfã de florestas. Mas hoje, pela primeira vez, algo mudou: meus estróbilos incham no alto, pesados de promessas, como frutos de um milagre tardio, confirmando que, enfim, fui fecundada.

O sol da manhã incide sobre mim, aquecendo minhas agulhas espinhosas, um manto vivo que desperta a tudo e a todos após a noite fria de outono. Só sei que pelo menos outra araucária nasceu em algum canto da cidade, talvez no jardim de uma casa velha ou num terreno baldio onde o concreto não alcançou, ou alguma praça da prefeitura. Não importa, não estou mais só. Um macho liberou seu pólen dourado no ar úmido do outono, cruzando o espaço urbano que nos separava. Senti sua presença carregada numa brisa leve das paixões que vêm de dentro, partículas microscópicas dançando no vento — uma aurora arboreal. Uma dança anemófila, grudando em minhas escamas receptivas após anos de frustrações, tecendo o tudo onde só havia o nada. É o renascimento de uma linhagem pré-histórica, sobrevivente aos dinossauros e, quem sabe, sobrevivente aos humanos. Eu, prenhe de pinhões viáveis, vibro com essa fecunda sensação arbórea, dizendo com todas as emoções que, apesar dos pesares, a vida continua.

Guaranazeiro: os olhos da Amazônia

Mizael Rodrigues da Costa

Eu nasci sob o dossel úmido da floresta amazônica, onde o sol se filtra em feixes amarelos antes de tocar minhas folhas de dicotiledônea. Não sou uma gigante que toca as nuvens. Meu destino é o porte baixo, ora firmando-me como um arbusto resiliente, ora estendendo meus braços como uma trepadeira que busca o abraço das árvores vizinhas. Eu sou a *Paullinia cupana* Kunth var. *sorbilis* (Mart.) Ducke, mas para o mundo, sou apenas o despertar.

Minha história nas páginas dos homens começou a ser escrita em 1669, quando os olhos do Frei Bettendorf me encontraram entre os indígenas Andirás, no coração do que hoje é o Amazonas. Ao longo dos séculos, fui batizada e rebatizada sob o olhar da ciência. Em 1826, Martius me descreveu no Baixo Amazonas como *Paullinia sorbilis*, o "que se pode sorver". Em 1831, Kunth formalizou minha existência nas escrituras botânicas como *Paullinia cupana*.

Foi em 1937 que Ducke unificou minha identidade, definindo-me como uma única espécie com duas variedades. Sou a *Paullinia cupana* var. *cupana* quando apresento folíolos recortados, sem gavinhas e frutos grandes e opacos nas terras venezuelanas, mas também sou a *Paullinia cupana* var. *sorbilis* aqui, no Baixo Amazonas, onde ostento

gavinhas para me prender à vida, folíolos mais íntegros e frutos menores, esféricos e de um vermelho brilhante que reluz sob o sol tropical.

Popularmente me conhecem como guaraná, guaranazeiro ou pé de guaraná. Meu nome deriva da palavra indígena "wara'ná", que significa "árvore que se apoia em outra"; isso se deve ao fato de eu ser uma liana e trepadeira.

Muitos se assustam quando meus frutos amadurecem e se abrem. Dizem que meus olhos os observam. De certa forma, é verdade. Minhas sementes, envoltas em um arilo branco, são o testemunho da vida tropical. Sou uma planta angiosperma da família das Sapindáceas, e carrego em meu cerne o que os homens chamam de "parte comercial", mas que para mim é a essência da minha linhagem.

Embora eu tenha nascido no coração da floresta úmida, meus braços se estenderam. Hoje, o Brasil é o meu único guardião, o único produtor mundial que me apresenta às nações. Meus pés estão fincados no solo do Amazonas, mas também me sinto em casa no Acre, no Pará, em Rondônia, no Mato Grosso e até nas terras da Bahia.

Sou cultivada desde muito tempo, por indígenas brasileiros em Maués no Amazonas. Minhas sementes eram utilizadas por eles como um revigorante natural, e atualmente sou usada na indústria farmacêutica e na fabricação de bebidas como refrigerantes, sucos e xaropes.

Minhas flores são brancas e formam cachos, onde se encontram tanto flores masculinas quanto femininas separadas na mesma inflorescência. Meus frutos são pequenos e vermelhos. Ao amadurecer, meus frutos se abrem como olhos, expondo minhas sementes para o mundo.

Dentro de mim flui uma química vigorosa, uma defesa que se transformou em cura para quem sabe me encontrar. Não sou apenas uma planta, sou um laboratório vivo de compostos bioativos. Quando o extrato de minhas sementes toca o organismo humano, eu ofereço mais do que um simples estímulo. Ofereço também um escudo anti-inflamatório e a proteção de um antioxidante. Eu sou rica em cafeína e teobromina, possuindo propriedades energizantes, estimulantes e medicinais. Minhas sementes possuem ações diuréticas, imunoestimulantes, antioxidantes e revigorantes, combatendo o cansaço físico e mental dos humanos.

No entanto, nem tudo é vigor e luz na minha jornada pela terra úmida. Enfrento inimigos silenciosos que testam minha resiliência e desafiam minha produtividade. O mais temido deles é a antracnose, uma sombra trazida pelo fungo *Colletotrichum guaranicola* Albuq., que marca minhas folhas e rouba meus frutos, sendo a grande responsável por perdas desoladoras em minhas plantações no Amazonas. Além dessa batalha contra os patógenos, sinto o peso do manejo inadequado. Muitas vezes, cresço sem o suporte das recomendações técnicas, pois me falta a adubação precisa, o uso de cultivares melhoradas que fortaleceriam minha linhagem, além das podas e tratos culturais essenciais para que eu possa florescer plenamente. Sobreviver e produzir é, para mim, um ato de resistência que exige um olhar mais cuidadoso de quem me cultiva.

Sinto o contraste da terra onde nasci, e embora o Amazonas seja o meu segundo maior berço em volume, minha produtividade aqui ainda é um sussurro diante do potencial que carrego, chegando a ser 4,75 vezes menor que a de

meus parentes em Rondônia, que alcançam 761 kg ha^{-1} de sementes secas. Esse fardo que carrego no solo amazonense se deve à insistente antracnose e ao modesto nível tecnológico das lavouras que me abrigam.

No entanto, há uma esperança sendo tecida nos laboratórios e campos experimentais, onde a Embrapa Amazônia Ocidental, por meio de seu programa de melhoramento, tem moldado minha linhagem para torná-la mais forte. Entre 1999 e 2021, ganhei 19 novas versões clonais, com destaque para as cultivares BRS-Amazonas e BRS-Maués. Nelas, minha essência foi aprimorada, unindo a elevada produtividade à resiliência necessária para resistir ao fungo, permitindo que eu continue a ser o vigor da floresta com renovada altivez.

Para finalizar, vou contar uma lenda sobre mim. Um menino bom e querido por todos na aldeia onde morava, passeava pela floresta quando foi morto aos pés de uma árvore por um espírito do mal, conhecido como Jurupari, que tinha profunda inveja do garoto. Houve grande comoção na aldeia e Tupã, rei do trovão, resolveu intervir, ordenando que enterrassem os olhos do menino para que uma planta milagrosa pudesse nascer. Então eu nasci, sendo conhecida desde então como a planta da vida.

Chambá, anador, cumaruzinho e melhoral: do canteiro do quintal aos pulmões em 'chiado'

Leonardo Gurgel de Oliveira

Faço parte de uma linhagem numerosa e muito respeitada na botânica: a família Acanthaceae. Meus parentes e eu estamos espalhados principalmente pelas regiões tropicais do planeta e somos reconhecidas pela beleza das nossas inflorescências e pelo perfume marcante e segredos terapêuticos que guardamos em nossas folhas.

Na natureza, existem duas variedades principais da minha espécie: *Justicia pectoralis* Jacq. var. *stenophylla* Leonard e *Justicia pectoralis* Jacq. Existem diferenças bem claras entre nós. Os botânicos mencionam que *J. pectoralis* var. *stenophylla* apresenta um porte mais alto, com hábito herbáceo cespitoso (em touceira) e folhas lanceoladas (em forma de ponta de lança). Isso me diferencia de minha outra versão, que possui um crescimento menor, com hábito herbáceo decumbente e folhas ovaladas. Mas em qualquer uma de minhas formas, apresento flores com tons que variam do branco ao lilás.

Como já mencionado, a ciência me batizou como *Justicia pectoralis* Jacq., mas talvez você já tenha ouvido falar de mim através dos meus nomes populares. No nordeste do Brasil, sou o chambá; em outras partes do país, atendo por

anador, cumaruzinho ou trevo-cumaru. Afinal, que nome estranho esse que a ciência me deu, não é? Pode ser um pouco confuso, mas ele carrega um significado: *pectoralis*, vem do latim e significa "do peito".

E é exatamente para o peito que eu sirvo. Quando tem uma criança com o peito chiando ou um adulto com aquela tosse seca e teimosa que não deixa a casa dormir em paz, é nessa hora que começa a minha verdadeira jornada: o momento em que deixo a humildade dos canteiros do quintal para me transformar em fôlego.

Sou dona de um aroma doce e muito característico, que a maioria diz lembrar de baunilha. Os botânicos e farmacêuticos explicam que esse perfume encantador vem de uma substância chamada cumarina.

O xarope feito com as minhas folhas traz um alívio suave para o peito. Deslizo pela garganta inflamada e ajo direto nos brônquios e, finalmente, chego aos pulmões. Ali, promovo a dilatação, solto o catarro acumulado, varro o chiado e devolvo o ar. Cumpro o meu destino de fazer "justiça" à respiração humana.

Mas a minha história não se limitou aos quintais e às panelas de remédio caseiro. Os agrônomos se encantaram pelo meu potencial e iniciaram pesquisas para aumentar a minha produção de biomassa. Atualmente, sou o centro de diversos estudos testando adubação orgânica em meu cultivo, desde esterco de galinha e de gado, até fertilizantes à base de microrganismos eficientes, os famosos Bokashis. Toda essa investigação científica tem um motivo: aumentar o teor de óleos essenciais das minhas folhas. E é justamente nessas minúsculas e invisíveis gotas de óleo que eu guar-

do o meu maior tesouro e a minha verdadeira identidade: a cumarina.

Contudo, esse tesouro que eu produzo exige uma responsabilidade em seu manuseio. Como já dizia o médico e alquimista suíço-alemão Paracelso: "A diferença entre o remédio e o veneno é a dose". Portanto, peço que tenham cautela. Posso deixar de ser o alívio para os pulmões e causar sérias lesões hepáticas e descontrolar a coagulação do sangue. Desse modo, sou contraindicada para gestantes e lactantes, crianças pequenas e pessoas com problemas de coagulação. Por isso, é tão importante que a ciência me entregue na dose exata para curar, e nunca para ferir.



Figura 1 –. *Justicia pectoralis* Jacq.



Figura 2 – *Justicia pectoralis* var. *stenophylla* Leonard.

Pepino vermelho

Lucas de Souza Lopes

Olá. Primeiramente gostaria de me apresentar. Me chamo *Melothria cucumis* Vell. Isso mesmo. Meu tio é o *Cucumis sativus* — o pessoal o chama de pepino-comum também. Minha avó é a *Citrullus lanatus*, chamada carinhosamente de melancia.

Eu, por outro lado, sou chamado por tudo que é apelido por causa da minha aparência. Um deles é "pepino-do-mato" só porque me encontram muitas vezes dentro de florestas ou matas fechadas. Eu não tenho culpa se em certas regiões muito quentes acabo ficando todo queimado e o pessoal acha que estou no ponto de colheita. Tenho quase certeza de que isso é tudo culpa das mudanças climáticas. A mamãe não gosta que eu fale essa palavra, ela acha que traz azar.

Sou uma espécie de origem brasileira, com ocorrência natural em grande parte do território brasileiro, à exceção da região Norte. Contudo, venho sendo gradualmente introduzida nessa área. Além disso, também estou presente em outros países da América do Sul, como Paraguai, Uruguai, nordeste da Argentina, Peru e regiões do oeste da Bolívia.

Já me chamaram de "pepininho" — não é porque eu sou pequeno que eu deveria ser classificado assim, isso acaba

me desvalorizando de uma forma que nem imaginam; não é porque eu sou pequeno que não tenho sentimentos. Vou encontrar quem me deu esse apelido ainda. Deve ter sido alguém que nem me conhece direito e fica querendo tirar graça com a minha cara, mas tudo bem, me vingarei assim que possível.

Mas também é sacanagem quando me confundem com "melão-de-são-caetano"; isso é algo inadmissível! Eu sei que sou demasiadamente prejudicado verticalmente, mas me confundir com aquele meu irmão é ultrajante, não temos nada a ver. Olha pra ele!! Como o indivíduo pode nos confundir?

Agora me chamar de "pepino-vermelho" é outro nível, isso sim é apelido bom. Para você que não entendeu, eu nasço com uma coloração verde do meu epicarpo e mesocarpo, mas quando eu entro em um estado de maturação eu fico com uma coloração avermelhada por fora e beirando o laranja por dentro. Uma curiosidade sobre isso é que até meu gosto muda, de meio amargo para doce.

Para entender mais sobre mim devemos ir ao começo da minha história e tudo começa na germinação das minhas sementes, mas como é difícil para minhas sementes vingarem, os humanos criaram uma técnica chamada estaquia. Para conseguir ter êxito, você deve pegar um ramo de 20 cm saudável de mim, retirar algumas folhas, plantar em um saco plástico com areia, cobrir com um saco plástico transparente para criar um microclima, molhar regularmente. Caso faça todas essas etapas corretamente você terá uma muda bonita e saudável.

Por eu ser uma hortaliça não convencional, mas ainda assim uma hortaliça, necessito de muitos nutrientes, radia-

ção solar e água durante meu desenvolvimento. Nessa parte muitos acabam desistindo de mim por gastarem muito com nutrientes comigo para que minhas folhas e caules não sofram com falta de nutrientes e possam ramificar cada vez mais; mas, caso eu não tenha os nutrientes suficientes, acabo com algumas ou até a grande maioria das minhas folhas amareladas e murchas, assim causando baixa produtividade de frutos.

A falta de sol também é um fator que provoca uma baixa em mim, tanto na minha estatura quanto na produção dos meus filhos que são meus frutos. E sem contar com a falta d'água, que é um dos principais motivos para eu não conseguir ser nativo da região norte do Brasil, não só pela falta d'água quanto pelo excesso dela no período de chuvas.

Mas como todo brasileiro, eu também sofro pelo excesso de criminalidade do nosso país. Pragas como percevejos sugadores ficam roubando nutrientes de mim, danificando meu patrimônio e deixando meus frutos deformados quando os atacam. Doenças como fungos também aparecem de vez em quando para encher minha paciência, como no caso do *Colletotrichum*. Para resolver ambos os problemas, os humanos me aspergem uma solução de sulfato de cobre e cal virgem para controle dos fungos e alguns inseticidas para controlar esses insetos malditos.

No decorrer do meu desenvolvimento eu cresço com um ramo principal e outros secundários. Nsses que vou gerar flores maravilhosamente belas, prontas para serem polinizadas, mais especificamente pela parte da manhã quando não está tão quente. Após a fecundação do polén no ovário da minha flor, o meu fruto ficará pronto para colheita mais ou menos entre 27 e 35 dias no máximo.

Caso eu seja bem cuidado, posso recompensar os humanos dando meus filhos/frutos para eles cuidarem também. Sei que eles vão cuidar muito bem deles assim como cuidaram de mim.

Poderia dizer que esse é o fim da minha jornada com vocês, mas eu só sou tratada como planta anual; entretanto, sou uma planta perene e se bem cuidada posso dar muitos e muitos frutos ainda. Então, o mais correto a se dizer é um até logo, meu amigo, cuide-se e cuide do nosso planeta.

Macacarecuia[1]: majestade do igapó

Simone Benedet Fontoura

Daqui do alto da minha copa consegui ver o exato instante em que o gavião-real agarrou o filhote de preguiça no topo daquela minha irmã do outro lado do rio. Não tinha o que fazer, foi muito rápido. Lá está a mãe perdida, a pobre. Vejo muitas coisas daqui de minha posição, pois já estou aqui há uns mil anos.

Sou robusta e forte. Resiliente e resistente. Sou capaz de suportar até nove metros submersa. Quando muito pequena, inúmeras vezes quase morri. Muitas irmãs minhas se foram junto com avassaladoras cheias. O rio Negro, quando é tempo de cheia, invade o nosso chão. Lembro bem o ano em que consegui me firmar de vez. Havia ficado submersa quase por completo, mas graças ao formato de minha copa ainda consegui captar o sol, me alimentar, respirar, transpirar...

É que no igapó desta grande planície que os humanos chamam de Amazônia há duas estações bem marcadas: a das chuvas e a da seca. Durante meses o rio Negro inunda nossa área e nós, árvores do lugar, passamos por muitas dificuldades. Respirar debaixo d'água é uma habilidade que mi-

1 *Eschweilera tenuifolia* (O.Berg) Miers (Lecythidaceae).

nhas tataravós tinham e nos transmitiram. Tudo fica lento sob as águas, é como se estivéssemos dormindo.

O tempo que levou para que eu me tornasse imponente e altiva assim como sou, só eu sei.

Quando o rio está cheio é o tempo em que lanço minhas filhas. Elas seguem o fluxo do rio flutuando, pois minhas sementes são porosas e conseguem repelir a água. Alguma delas já germinam em algum chão assim que as águas baixam. Após germinadas e estabelecidas no solo, minhas filhas enfrentarão muito cedo em suas vidas a total adversidade. As águas então novamente irão inundar seu chão e elas lutarão para sobreviver até o final de outra ... e de outra... e de outra... e de muitas... estações chuvosas.

Engana-se, no entanto, quem pensa que no baixar das águas nossa vida fica fácil. É tempo de voltar a crescer, crescer o mais rápido possível para que na chegada das próximas cheias estejamos mais fortes a ponto de não sermos levadas pela correnteza. Porém crescemos muito devagar.

Agora que estou aqui, crescida e já muito madura, fica fácil compreender o ciclo destas águas. Algumas aves pousam em mim geralmente em busca dos insetos que abundam em minhas também abundantes e belíssimas flores. É um investimento alto de energia, considerando que necessito gastá-la de maneira exaustiva para me manter metade do tempo sob as águas e outra metade fora delas. Porém, logo que o fruto se forma e fica muito predado por insetos, eu logo os aborto, pois sou livre para decidir o que é melhor para me manter viva. Mesmo abortando alguns frutos, sempre disperso muitos outros que seguem pelo curso do rio até a próxima seca chegar, para germinar.

Este majestoso rio é uma grande barreira entre mim e minhas irmãs, pois que após nascidas apenas ficaremos juntas se formos levadas para a mesma margem. Se levadas a margens opostas, já estaremos praticamente em continentes distintos.

Meu tronco é formado de estruturas ocas, e por esta razão as lontras o ocupam para se abrigar. De cá deste lado do rio eu vi ainda ontem uma irmã minha que tinha um filhote de lontra já crescido em seu tronco. Ele estava um pouco distraído quando a pintada iniciou a escalada, pronta para dar o bote. Porém, neste exato instante a minha irmã abortou alguns frutos que estavam repletos de formigas, e elas acabaram atrapalhando um pouco a onça. Nessa trapalhada da onça com as formigas o filhote de lontra despertou para o perigo e pulou n'água. Foi por pouco. Não é que eu tome assim partido por alguns animais em detrimento de outros de nossa teia, mas quem não torce pela vida de um filhote?

E por falar em filhote, lá vai aquele curumim na canoa pescando. Ele é muito jovem, mas já ajuda a buscar alimento para a família no rio. E como todo menino é meio atentado, lá está ele mexendo nos frutos da minha irmã do outro lado do rio, cheio de formiga. Ele é curioso e quer usar a cuia para alguma coisa, mas tomou uma peia de formiga que deu dó vendo daqui. Não desistiu, coletou alguns frutos, se livrou das formigas e entregou para o amiguinho que está junto na canoa.

Todo dia alguma coisa interessante eu vejo aqui entre minhas irmãs. Nós somos muito unidas, geralmente utilizamos uma área de crescimento só nossa e chegamos a formar uma floresta de macacarecuias. Somos muito visitadas pelos

animais do tipo humano e aparentemente eles nos acham interessantes.

Vi tudo que foi tipo de ser humano transitar por estas terras. Alguns me conhecem bem, outros não. Os que me conhecem não representam perigo, eu sinto. Eles sabem colher meus frutos, folhas e madeira e vivem por aqui mesmo. Os que não me conhecem se aproximam em comportamentos bem estranhos, como se não fossem capazes de viver como qualquer outro vivente deste planeta. Vivem perambulando com sintomas aparentes de doença, mas uma doença que não sei identificar qual é. Eu sou uma árvore afinal, as doenças que podem me acometer são tão distintas dessa que enxergo nessa espécie de primata.

Outros humanos comparecem de vez em quando medindo minhas folhas, flores, frutos e galhos, até tirando pedaços de mim. Nunca entendi muito bem esta espécie esquisita de primata que anda sob duas patas de maneira desengonçada. Eles são tão numerosos e tão diversos nas formas como me tratam, que me sinto tensa apenas em sua presença.

Essa espécie de bicho é muito controversa, enquanto alguns nos cortam e nos machucam, outros chegam com alguns objetos estranhos que portam nas mãos. Geralmente são objetos que utilizam para nos enxergar melhor. Nunca vou entender os humanos. No entanto, esses que portam objetos e os curumins que cercam nossos troncos são do tipo que geralmente não nos faz mal. Aí a gente até que se tranquiliza um pouco.

Em meus mil anos de existência sob estas águas, imagine você, eu chego a ficar dez meses submersa. Você aguen-

taria se não fosse um peixe? Pois eu duvido. Quando muito menina outros humanos aqui existiam, mas houve uma briga terrível entre eles e outros que chegaram depois. Houve muito sangue. Além disso começaram a surgir humanos matando e levando muitos bichos daqui do rio. Um deles foi a ariranha, que sumiu simplesmente quase que ninguém mais vê uma delas. Foi tanta matança, e aparentemente sem muita necessidade porque esses que aqui vieram depois eram poucos. Para que precisavam de tanta caça? Será que a família deles era tão imensa assim?

Aqui na floresta os animais brigam também, mas nunca sem motivo: ou é uma fêmea, ou é uma comida, ou é um espaço. Esse bicho humano briga sem precisar de motivo, ou será que estou enganada e eles estão no fundo brigando pelas mesmas coisas que os outros bichos? Nunca vou entender.

Tenho sentido muitas mudanças em meu corpo. Tudo bem que já estou meio velhinha, mas a minha espécie vive muito. Sinto que em alguns anos as águas sobem pouco e que ficamos mais tempo fora dela. Já em outros passamos mais tempo na água submersas. Isso é um problema, esse descompasso. Se as águas tardam demais a subir, minhas sementes não encontrarão o fluxo do rio para serem levadas. Essa sincronia está com a nossa família há muito tempo, como podem as coisas mudarem assim tão rápido. Estamos com muito receio.

Somos fortes e já persistimos há milhares de gerações, mas parece que desde a chegada deste bicho de duas patas as coisas têm mudado. Tenho esperanças de que eles aprendam a viver nesse planeta, assim como eu e minhas irmãs aprendemos. Eles são tão jovens....

Sem Botox, no ponto: confissões de uma fruta madura[1]

Aline Ellen Duarte de Sousa

Eu já estou madura. E sim… eu sei que estou no auge.

Te vi esses dias. Toda esticadinha, brilhando mais que capa de revista.

Confesso… quase não te reconheci.

— "É tratamento", você disse. "Padrão pós-colheita."

Ah, claro.

Botox fisiológico: inibidor de etileno travando qualquer expressão de maturação.

Preenchimento com ácido hialurônico versão fruta: cera para segurar água e dar aquele viço artificial.

Crioterapia constante: cadeia fria impecável para manter tudo congelado no tempo.

Uma clínica estética completa.

E você aí, se achando natural.

Fofo.

Eu também já fui como você. Firme, estruturada, cheia de pectina insolúvel, parede celular intacta… zero rugas, zero aroma, zero história.

Bonita? Sim.

1 Texto gerado com apoio dos recursos do Chatgpt.

Interessante? Nem tanto.

Hoje eu sou outra coisa.

Minha clorofila saiu de cena — agora são carotenoides e antocianinas assumindo o protagonismo. Cor de verdade, não filtro.

Meu amido virou açúcar. Doçura construída, não aplicada.

Minha textura? Ah… essa você chama de "mole". Eu chamo de ponto ideal. Pectinas parcialmente solubilizadas, estrutura relaxada… pronta para consumo, não pra vitrine.

E o aroma… você ainda nem chegou lá. Compostos voláteis sendo liberados no timing perfeito. Eu não escondo quem eu sou.

Agora vamos voltar para você.

Toda travada de tratamento, segurando o amadurecimento como quem segura ruga na testa.

Sua respiração foi reduzida. Seu etileno bloqueado. Seu metabolismo desacelerado na marra.

Você não está jovem.

Você está conservada.

Existe diferença.

— "Mas eu vou durar mais", você responde.

Claro que vai.

Botox também dura… por um tempo.

Mas me diz: você está vivendo o processo ou só adiando ele?

Porque eu já passei pelo meu pico climatérico. Respiração lá em cima, metabolismo acelerado, transformação completa. Vivi intensamente — e cheguei aqui.

Agora estou no ponto.

Equilíbrio fino entre açúcar, acidez, aroma e textura. Não tem intervenção que crie isso. Só fisiologia bem executada.

Sim, minhas membranas já não são perfeitas. A permeabilidade aumentou, enzimas seguem ativas, a senescência está logo ali.

E daí?

Isso aqui é o auge.

Você está tentando preservar o potencial.

Eu estou entregando valor.

Então continua aí, com sua pele encerada, metabolismo controlado e expressão bloqueada.

Eu prefiro minhas "ruguinhas" bioquímicas, meu aroma livre… e essa confiança de quem sabe que chegou no ponto certo.

Assinado,

A fruta madura — sem botox, sem filtro… e muito mais interessante.

Dados dos Autores

Álefy Gonçalves de Barros

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: alefy.barrog@gmail.com

Aline Ellen Duarte de Sousa

Doutora em Ciências Agrárias (Fisiologia Vegetal) pela Universidade Federal de Viçosa. Professor na Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas. E-mail: alinesousa@ufam.edu.br

Ana Cecília Estellita Lins

Mestre em Literatura e Interculturalidade pela Universidade do Estado de Goiás. Pesquisadora integrante do LINTERFACES UEG/CNPq. E-mail: anacmelins@gmail.com

Ana Maria Rosa

Professora licenciada em Letras. Graduanda em Psicologia. E-mail: anamariarosa6@gmail.com

Anderlei Costa Andrade

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ecologia e Evolução, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: leicosta17@gmail.com

Aradia Maria da Silva

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: aradia-biouefs@gmail.com

Ari de Freitas Hidalgo

Doutor em Agronomia (Horticultura) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor na Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas. E-mail: afreitash@gmail.com

Cássia Tatiana da Silva Andrade

Doutora em Botânica pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Bióloga/Analista Universitária, Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia (UEFS). E-mail: ctsandrade@uefs.br

Consuelo Penelu Bitencourt

Mestre em PROFLETRAS pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora e Coordenadora da Pós-graduação da Faculdade Católica de Feira de Santana. E-mail: cpenelu@gmail.com

Elaine de Lima de Jesus

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Biologia Vegetal, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: elainejesus.farmacia@gmail.com

Elidiomar Ribeiro da-Silva

Doutor em Ciências Biológicas (Zoologia) pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: elidiomar@gmail.com

Eraldo Medeiros Costa Neto

Doutor em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos. Professor dos Programas de Pós-graduação em Ecologia e Evolução (PPGEcoEvol) e em Botânica (PPGBot), Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: eraldont@uefs.br

Gemicrê do Nascimento Silva

Mestre em Desenho Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professor do Departamento de Letras e Artes (UEFS). E-mail: gmicre@uefs.br

Genival dos Santos Lima

Agricultor, distrito Retiro, município de Coração de Maria, Bahia. Email: genivaledificacoes@hotmail.com

Gilberto Paulino de Araújo

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. Professor da Universidade Federal do Tocantins. Coordenador de Políticas Culturais e Territórios Educativos – CGPCE/DIEFA/SEFLI/MinC.
E-mail: gilbertopaulino@mail.uft.edu.br

Hertz Wendell de Camargo

Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com estágio pós-doutoral em Antropologia (UFPB). Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR). E-mail: hertz@ufpr.br

Isabela Rodrigues

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: beladibiio@gmail.com

Izaías Regis Pereira Júnior

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: izaiasregis8@gmail.com

Jônatas dos Santos de Souza

Doutor em Biotecnologia Industrial pela Universidade Tiradentes. Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Tecnologia e Políticas Públicas – SOTEPP – Afya/

Unima, Centro Universitário de Maceió. E-mail: jonatass-souza@gmail.com

Laura Valentina Amézquita Niño

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail:

Leonardo Gurgel de Oliveira

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Agronomia Tropical. Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas. E-mail: leonardo.gurgel@ufam.edu.br

Leví Cerqueira Montino

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: montinolevi@gmail.com

Lin Chau Ming

Doutor em Agronomia (Produção Vegetal) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor Titular na Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas. E-mail: linming2809@gmail.com

Lívia Maria da Silva Gonçalves

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: liviajeje@yahoo.com.br

Lucas de Souza Lopes

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Agronomia Tropical. Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas. Email: lucas.lopes.agro027@gmail.com

Marcela Kelly Sena de Jesus

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: marcelakelly2112@gmail.com

Maria Eduarda Bomfim

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: mariaeduardadejesusbomfim@gmail.com

Mizael Rodrigues da Costa

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Agronomia Tropical. Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas. Email: mizael.costa@ufam.edu.br

Rafael da Silva Santos

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: raffael.agro@gmail.com

Rodrigo Mortari

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Botânica, Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: mortarirodrigo@gmail.com

Rosana Gonçalves da Silva

Doutora em Educação e Ecologia Humana pela Universidade de Brasília. Professora de Artes Visuais, Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: renaisrenais@yahoo.com.br

Simone Benedet Fontoura

Doutora em Ecologia Aplicada pela Universidade Federal de Lavras. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, campus Manaus Zona Leste. Email: benedet.simone@gmail.com

E-BOOK

ENTRE A TERRA E A LUZ
NARRATIVAS VEGETAIS

Este livro foi composto no formato 15,0 x 21,0 cm, fonte
Minion Pro (texto principal e títulos).
Em maio de 2026.

ISBN: 978-65-83341-39-6



